



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA - UNILAB
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

MATHEUS TOMAZ CERQUEIRA

**ENTRE (AUTO) REFLEXÕES, TRAMAS E VOZES: DA INTROSPECÇÃO AO
ESTUDO DE TRAJETÓRIAS NEGRAS FRENTE A UM JORNALISMO
INDEPENDENTE NEGRO E NORDESTINO.**

REDENÇÃO - CE

2024

MATHEUS TOMAZ CERQUEIRA

ENTRE (AUTO) REFLEXÕES, TRAMAS E VOZES: DA INTROSPECÇÃO AO ESTUDO
DE TRAJETÓRIAS NEGRAS FRENTE A UM JORNALISMO INDEPENDENTE NEGRO
E NORDESTINO

Dissertação apresentada ao Programa
Associado de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal do Ceará e da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Antropologia.

Área de Concentração: Antropologia.

Linha de pesquisa: Diferença, Poder e
Epistemologias

Orientadora: Prof. Dra. Denise Ferreira da
Costa Cruz

REDENÇÃO - CE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Matheus Tomaz da.

S578e

Entre auto reflexões, tramas e vozes: da introspecção ao estudo de trajetórias negras frente a um jornalismo independente negro e nordestino / Matheus Tomaz da Silva. - Redenção, 2024.
91f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico em Antropologia, Mestrado em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Profª Drª Denise Ferreira da Costa Cruz.

1. Jornalismo autônomo - Aspectos sociais. 2. Negros e comunicação de massa. 3. Mídia social e sociedade. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 302.23

MATHEUS TOMAZ CERQUEIRA

ENTRE (AUTO) REFLEXÕES, TRAMAS E VOZES: DA INTROSPECÇÃO AO ESTUDO
DE TRAJETÓRIAS NEGRAS FRENTE A UM JORNALISMO INDEPENDENTE NEGRO
E NORDESTINO.

Dissertação apresentada ao Programa
Associado de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal do Ceará e da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Antropologia.

Aprovada em: 01/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ

Data: 15/11/2024 10:17:17-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Documento assinado digitalmente



ANTONIA GABRIELA PEREIRA DE ARAÚJO

Data: 15/11/2024 10:14:03-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Antônia Gabriela Pereira de Araújo
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museu Nacional - UFRJ)

Documento assinado digitalmente



RAFAEL ANTUNES ALMEIDA

Data: 14/11/2024 16:09:51-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

[11 de agosto] ...Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?

- Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, Maria das Graças e Domingos Tomaz, dois lavradores do interior do Piauí, que foram meus pais desde os meus primeiros anos de vida até aqui, cujos braços me acolheram, quando minha mãe ainda era jovem e meu progenitor se ausentou da minha vida.

À minha mãe de sangue e coração, Marlene, cujos últimos anos foram tempos de batalha pela vida, pela permanência neste plano conosco. Nunca lhe vi fraquejar, desanimar ou deixar de nos cuidar mesmo diante de tudo isso. As noites em hospitais não foram nada. Feliz vida e coração novos, mãe. Muito aprendi com teu modo desenrolado e festivo de lidar com a vida.

À Marilene, minha tia materna e terceira mãe. Me acolheu quando decidi voltar do Piauí ao Ceará para estudar e cursar o ensino superior. Digo sem medo de errar que você virou minha melhor amiga. Me deu um lar, me ensinou sobre convicção, espera e perdão.

Ao meu bisavô, Domingos Gomes, popularmente conhecido como Domingo Mariquinha, grande observador e fofoqueiro, mesmo até seus 104 anos de vida. Inventava apelidos até para o vento que passava à sua frente. Ficou conhecido pelos seus netos e bisnetos como vovô mestre, por seus dizeres e histórias. Foi o primeiro mestre da família, mestre de vida mesmo. Lembro que quando passávamos as férias em sua casa de taipa de três cômodos, dormíamos cerca de 6 pessoas atravessadas na mesma cama, enquanto você sempre se balançava na sua rede.

À minha orientadora, Denise Cruz, que sempre me inspirou e talvez ainda não compreenda a dimensão de sua contribuição em minha vida. Alegria, sensibilidade e, sobretudo, vida, são os aspectos que absorvo quando leio uma elaboração textual tua no Instagram, por exemplo. Acho que defendemos um mesmo tipo plural e comovente quanto a essa profissão.

Aos meus amigos mais próximos, que quando eu chorei, sentiram por mim, que quando eu precisei, atenderam, que quando eu sumi, compreenderam. Imagino que ser meu amigo não seja fácil, eu não sou do tipo da presença, sou da precisão. Se carecem de mim, lá estou, para uma crise, para ajudar num término de monografia ou para aconselhar depois do encerramento de uma relação. Sempre vivi murado em meus próprios pensamentos. Na graduação, nunca tive parceiros. Aprendi a trabalhar de modo solitário, mas com vocês, Euvaldo, Tales, Bianca, Alyssia e Cassiano, pude perceber o quão bom é quebrar muros.

Ao meu amor, meu romance, Luísa Mara, que tem me acompanhado na vida, na

construção mútua de nossas jornadas. Penso que aprendemos tanto um com outro nesse percurso. Somos tão diferentes que chega a ser impossível pensar que damos certo, mas damos, não é? Você, nunca teve qualquer reserva em me ajudar de verdade, embora eu tenha tido em pedir sua ajuda.

Aos meus mestres, professores e professoras, que tanto me ensinaram, em especial, Dra. Prof^a. Geísa Mattos e Dra. Prof^a. Jânia Aquino, duas pessoas que nunca me abandonaram ou rejeitaram um pedido meu. À Sindy Holanda e Thais Lopes, que nunca se recusaram a me orientar em qualquer que fosse o processo ou questão acadêmica.

À literatura, que sempre foi meu refúgio, em especial na figura de Conceição Evaristo, cujas noções de memória me ajudam a me reconciliar com as minhas próprias recordações. Às vezes sou mais escritor amador ou poeta aprendiz do que um pesquisador objetivo. Fico divagando, gasto tempo em contar vento, tipo quantas vezes ele passa pela janela do apartamento. Penso que seja uma qualidade positiva.

RESUMO

Este trabalho trata da comunicação jornalística negra nordestina como objeto de atenção com base nas trajetórias de seus motivadores, a partir das vozes que a constituem em sentido relacional, em justaposição a meus próprios exercícios autorreflexivos. Para tanto, empreendo esforços à visualização de alguns caminhos nesse processo de consolidação, sobretudo, a partir do pessoal que faz o portal Negrê de jornalismo negro e nordestino, constituído no Ceará, mas pensado como veículo de atenção às questões postas sobre outros estados do Nordeste. O portal conta com diversos colaboradores, mas neste trabalho, foco na atuação de 4 pessoas em especial, em razão de sua assiduidade quantos às atividades do portal até o momento de elaboração deste trabalho. Além disso, a comunicação torna-se aqui objeto de debate, em especial quanto à sua formulação em contextos de avanço tecnológico e com base nos conflitos e processos contra-narrativos que circunscrevem a presença negra em veículos de mídia na internet. Desse modo, esta pesquisa advoga pela visualização de um panorama comunicacional distinto à negritude, em sua singular identidade e premissas editoriais, levando em conta sua corroboração à quebra de paradigmas e arquétipos contrários à singularidade de nossos percursos, à luz de nossas próprias vozes e encontros narrativos.

Palavras-chave: Comunicação negra; trajetórias; ficcionalização; autodefinição e (auto) reflexão.

ABSTRACT

This work deals with black journalistic communication in the northeast as an object of attention based on the trajectories of its motivators, from the voices that constitute it in a relational sense, in juxtaposition to my own self-reflective exercises. To this end, I am trying to visualize some of the paths in this consolidation process, above all from the people who make up the Negrê portal for black and northeastern journalism, which was set up in Ceará, but which is thought of as a vehicle for attention to the issues raised in other northeastern states. The portal has a number of collaborators, but in this work I am focusing on the work of four people in particular, due to their assiduity in the portal's activities up to the time of writing this work. In addition, communication becomes an object of debate here, especially in terms of its formulation in contexts of technological advancement and based on the conflicts and counter-narrative processes that circumscribe the black presence in media outlets on the internet. In this way, this research advocates the visualization of a communication panorama that is distinct from blackness, in its singular identity and editorial premises, taking into account its corroboration of the breaking of paradigms and archetypes that are contrary to the singularity of our journeys, in the light of our own voices and narrative encounters.

Keywords: Black communication; trajectories; fictionalization; self-definition and (self) reflection.

LISTA DE FIGURAS

1. Figura: Página inicial do site Negrê.....	17
2. Figura: Instagram do Negrê.....	18
3. Figura 3: Postagem sobre o #blacktwitternordeste.....	20
4. Figura: Fotos de Larissa.....	42
5. Figura: Larissa quando criança.....	43
6. Figura: Fotos de Paulo.....	44
7. Figura: Paulo (criança) bem oncinha.....	45
8. Figura: Fotos de Karoline.....	47
9. Figura: Livro de Karol: Passa a bola pra elas.....	49
10. Figura: Fotos de Dhara.....	50
11. Figura: Dhara bem de negócios.....	53
12. Figura: Espaço Black Nordeste.....	67
13. Figura: Postagens da página inicial do site Negrê.....	68
14. Figura: Narrativas Negrê.....	68

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	11
1.1 O Negrê.....	16
1.2 Negrê como experiência.....	16
2 TRAJETO DE PESQUISA.....	22
2.1 Da aproximação à coleta de material de pesquisa.....	22
2.2 O que o caminho tem a nos dizer?.....	25
2.3 Escolhas à escrita.....	26
3 A PAUTA.....	28
3.1 Apenas um elemento?.....	31
3.2 Por nossas vozes: nos fluxos da autodefinição e da retomada de si.....	33
3.2.1 Um esboço teórico.....	35
3.2.2 Minha Voz (Tomaz).....	40
3.2.3 A voz de Larissa Carvalho.....	41
3.2.4 A voz de Paulo Gonzaga.....	44
3.2.5 A voz de Karoline Tavares.....	46
3.2.6 A voz de Dhara Amorim.....	50
4 A COMUNICAÇÃO COMO SISTEMA DE EXISTÊNCIA, RESISTÊNCIA E COEXISTÊNCIA.....	54
4.1 A comunicação Negra: recondicionamentos e outros problemas.....	56
4.2 Entre contradições e apropriações negras por um jornalismo digital.....	58
5 “QUERO SER DONA DE JORNAL: POR UM EDITORIALISMO NEGRO PARA ALÉM DAS “DESGRAÇAS”.....	64
5.1 Sobre permanecer.....	69
5.2 Entre a denúncia e a censura no caso do menino Miguel: o jornalismo no uso da raiva... 71	
5.4 Rupturas às imagens de controle.....	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81

1. APRESENTAÇÃO

Lembro-me de um tema, de uma motivação de recém graduado, a mídia livre. Lembro-me também de delimitar muito bem como seria esse texto, por quais caminhos ele seguiria. Queria falar como o jornalismo negro é um importante seguimento de mídias livre. Isso tudo foi por água abaixo, uma vontade que ficou na memória, não nas próximas páginas. Seria sensato dizer que falo de jornalismo negro, ou melhor, de comunicação negra. Mais sensato ainda, seria admitir que o que de fato tematiza este trabalho não é a comunicação negra como veículo de afirmação em si, mas como ferramenta existencial, da vida e de suas trajetórias em movimento. A justaposição entre as experiências/trajetórias, minhas e dos demais sujeitos deste trabalho, são elementos fundamentais nesta pesquisa, são condutores das reflexões postas no decorrer do texto.

A delimitação disso fica por conta da busca pela visualização de práticas de jornalismo negro e nordestino em sentido experimental, com foco em passagens das trajetórias dos sujeitos que integram o site *Negrê*. Saliento que a apresentação dos sujeitos desta pesquisa serão trabalhadas mais fortemente a partir de elocuções diretas, em especial no uso de suas próprias falas postas neste texto. O trabalho de Bruno Brito (2022), um colega do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, me fez identificar alguns aspectos fundamentais acerca do jornalismo negro, sendo a grande ausência de registros de veículos jornalísticos negros na região Nordeste no decorrer dos dois séculos passados.

Portanto, considero como objetivo deste trabalho a tentativa de construir um texto no campo da Antropologia que trate da comunicação jornalística negra nordestina como objeto de experiências distintas, como uma encruza constituída por vários caminhos, interpretada a partir de minhas considerações no exercício desses encontros resultantes no *Negrê*. Encarei isso olhando primeiro para minhas práticas de consumo quanto às mídias negras na internet. Entendi que meu consumo quanto à comunicação das negritudes estava restrito aos empreendimentos constituídos no Sudeste brasileiro. Daí surge uma questão fundamental, pois não creio que podemos desassistir as motivações e itinerários de narrativas de mídia elaboradas por negritudes nordestinas. Obviamente, até entre a região nordeste as manifestações negras são distintas entre si. Sendo um Cearense, muito ouvi sobre não existir negro no Estado. Narrativas como a de Brito (2022), similares às minhas, muito constituem a

longo desta etnografia. Para tanto, também apresento-me no trabalho em vários sentidos, inclusive por meio de elaborações autoficcionalis.

Ao priorizar trajetórias materializadas nas vozes dos sujeitos deste trabalho, bem como os processo de reflexão e autorreflexão contidos na observação dos dizeres em campo, encaro uma série de perspectivas relacionadas ao percurso desse pessoal em seus próprios modos como sujeitos de uma comunicação negra, independente e nordestina. Com isso, questões como editoriaidade, projeto de vida, problemas de manutenção e financiamento, revolta e censura, bem como a necessidade de reconstrução e recriação narrativa no âmbito da produção jornalística, ganham corpo neste trabalho a partir da experiência, do fazer e do viver. Para tanto, neste processo, contei com as presenças de Larissa Carvalho, comunicóloga e editora chefe do portal, Paulo Gonzaga, psicólogo e colunista, Karoline Amorim, comunicóloga e colaboradora do portal, e Dhara Morim, também colaboradora e formanda em comunicação.

Logo após este primeiro capítulo, de apresentação, no segundo, trato dos modos pelos quais consegui conduzir esta pesquisa, dialogando sobre a aproximação acerca do campo e da obtenção de material ao trabalho etnográfico. No item *“Da aproximação à coleta de material de pesquisa”*, abordo o início do meu trabalho em campo, dos caminhos para construir relações junto aos meus parceiros ao uso de ferramentas e modos de lidar com as leituras e registros de pesquisa. Em *“O que o caminho tem a nos dizer?”*, encaro uma série de experiências pelas quais passei, em suas diversas reflexões, que me ajudaram na elaboração do trajeto de pesquisa em várias escolhas quanto aos meus processos de trabalho. Encerrando o primeiro capítulo, abordo as *“Escolhas à escrita”*, como atividade fundamental à construção dessa dissertação, a partir de uma série de outros trabalhos que justificam minha preocupação como ato da elaboração textual, com a transposição de si no ofício da escrita.

No terceiro capítulo, apresento, inicialmente, duas seções específicas dedicadas a pensar e fabular a partir da memória sobre minhas próprias relações com a comunicação jornalística, em *“A pauta”* e *“Apenas um elemento?”*. Construo, no item *“Por nossas vozes”*, abro espaço, no contexto deste trabalho, à noção de autodefinição e à sua importância num contexto de retomada de si, como sujeito negro. No decorrer das seções dessa parte, transcrevo o resultado de exercícios autorreflexivos dos colaboradores do *Negrê* quanto ao modo como eles se enxergam em amplo sentido. Uso de suas vozes para garantir um espaço à autodefinição como pressuposto crucial neste trabalho, compreendendo este processo como parte de uma elaboração conjunta sobre as várias experiências que se encontram para consolidar um dos grandes portais do jornalismo negro no Nordeste.

Para o quarto capítulo, favoreço um debate acerca da comunicação como objeto de complexidade, adensando seus horizontes interpretativos para além de noções normativas, especialmente em diálogo com uma antropologia experimental. À frente, em *“A comunicação Negra: recondicionamentos e outros problemas”*, elaboro uma discussão sobre a apropriação da comunicação jornalística, seja impressa ou digital, como modo fundamental de retomada narrativa pela negritude. Na última seção do segundo capítulo, *“Entre contradições e apropriações negras por um jornalismo digital”*, trato da plataformização digital dessas iniciativas como objeto de debate em contraponto à noção moderna de progresso informacional, levando em conta a constituição racista dos maquinários e plataformas da internet.

Ao quinto capítulo, *“Quero Ser Dona De Jornal: Por Um Editorialismo Negro Para Além Das “Desgraças”*”, trato do Negrê como resultado, mas também execução contínua de um sonho negro, especialmente da parte de sua chefia, assim como abordo questões relacionadas à construção das prioridades editoriais do jornal. Na seção seguinte, *“Das dificuldades ao debate pela permanência”*, identifico questões relacionadas à manutenção desse sonho, principalmente quanto às adversidades financeiras. Prosseguindo, *“Entre a denúncia e a censura no caso do menino Miguel: o jornalismo no uso da raiva”*, apresenta o modo pelo qual a denúncia no combate ao racismo são objetos inescapáveis a contra-narrativas negras na mídia jornalística, nesse caso, quando instigados pela raiva como força de ação. Finalmente, em *“Rupturas às imagens de controle”*, discuto a respeito da quebra de paradigmas e arquétipos atrelados à negritude como fundamentais, sobretudo numa condução jornalística pautada na presença de uma mulher negra, chefe e fundadora.

Abro um parêntese para mencionar que esse texto é uma experimentação, uma confissão, um ato totalmente interessado e endereçado. Este trabalho dialoga prontamente com a trajetória e a experiência como fatores de consolidação de um ambiente intelectual negro. Minha orientadora, uma feminista negra, diria que o desabafo é um pontapé ao vislumbre de um horizonte intelectual maior. Pensar a partir de si, da raiva, da revolta, do erotismo, da tristeza e do amor são empreendimentos teóricos que levo à minha escrita, como um homem negro. Ademais, nas subseções a seguir apresento parte do empreendimento constituído na figura do Negrê, bem como já introduzir um panorama inicial de sua constituição sob a narrativa de uma dos sujeitos dessa pesquisa, Larissa.

1.1 O Negrê

Mesmo que a pesquisa tenha se centrado no pessoal do Negrê e não especificamente no portal, é crucial conhecermos essa iniciativa, esse ponto de encontro dessas várias experiências. Conheci o *Negrê* em 2022, concomitantemente a minhas tentativas de visualizar cada vez mais o que as mídias negras estavam produzindo, logo após a entrega da minha monografia. Pensando primeiro em meus interesses em estar cada vez mais “antenado” junto ao mundo das produções midiáticas negras. Não havia pretensões acadêmicas, apenas um sujeito negro procurando por informações fora de centros informativos regionais e nacionais sem quaisquer posicionamentos raciais. Em meus breves contatos, o Negrê estava a priori no Instagram e hospedado em um site da Web. Apenas ao longo desta pesquisa descobri que o portal possui páginas em redes como TikTok, Facebook e X (antigo Twitter). Cabe ressaltar que o maior tráfego e foco de trabalho se concentram no Instagram e site.

A iniciativa foi consolidada em 2020, como já mencionei aqui. Pensar nesse portal é imaginar um local de busca por enunciação de um panorama cultural negro e nordestino em sua maioria, pois mesmo em sua gênese regionalmente focalizada no Nordeste, temos diálogos com questões negras postas em outras partes do País. Desse modo, a iniciativa foi imaginada de maneira a oportunizar e amplificar vozes negras em sentidos vários. Tal processo de amplificação conta primeiro com a necessidade fundante à iniciativa de pensar no que temos a dizer para além dos sofrimentos, dos algozes e do arrastar das amarras coloniais.

Questões como saúde, sustentabilidade, empreendedorismo, inovação e estilo de vida em geral estão no *hall* de objetos que constituem questões postas como fundamentais quando interseccionadas pela presença e pelo protagonismo negro. Entre matérias, colunas e podcasts, a iniciativa mantém uma vasta gama de conteúdos. Assim, muito do que molda o empreendimento está na enunciação de histórias negras fora do campo clássico de modos jornalísticos oportunizados por tragédias relacionadas a nossos corpos e espaços, a exemplo de editoriais de policialescos.

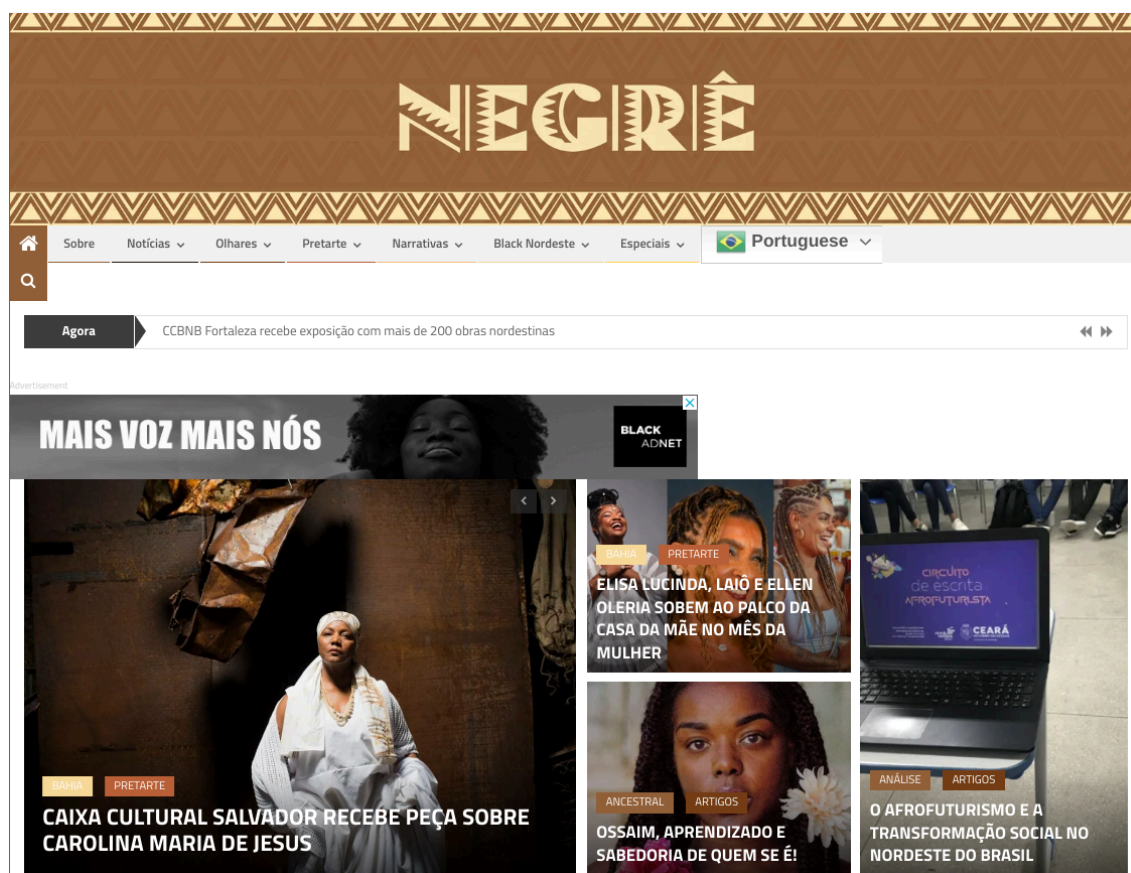
Cabe acrescentar, em resumo, que o portal conta com alguns aspectos fundamentais como pilares que resumo da seguinte forma: como missão, melhorar vidas negras por meio da informação; como visão, ser bem reconhecido como empreendimento jornalística, bem como potencializar a protagonismo negro; por fim, alguns de são valores estão expressos pelas noções afrocentrismo, coletividade, representatividade, justiça social, dentre outros. Sugiro ainda, que no quesito “visão”, o Negrê tem se mantido promissor. O portal conta com algumas importantes indicações ao longo dos últimos anos. Em 2020, o Negrê foi homenageado em

reconhecimento à 15 matérias produzidas no portal, na 1ª edição do *Prêmio Neusa Maria de Jornalismo*, que visa destacar a presença de profissionais não brancos e transgêneros do ramo. Em 2022 e 2023, sua editora chefe, Larissa, foi finalista do *Troféu Mulher Imprensa*. Nas edições de 2023 e 2024, o portal foi finalista do *Prêmio +Admirados Jornalistas Negros*.

1.2 Negrê como experiência

Abro esta parte para tratar do portal como um produto de interações, condicionado a experiências. A partir daqui, com base no campo das conversas, esboço alguns elementos, constituídos na fala, como objetos de elaboração de um cenário cujo Negrê se tornou possível e, de certo modo, urgente. Justapondo isso a minhas descrições impressões, elemento recorrente desta leitura. Assim, como já introduzi anteriormente, a iniciativa trata sobre estilo de vida e cultura num aspecto geral, sobre “*potencialidades*”, como assim gosta de reiterar sua chefe, Larissa Carvalho.

1. **Figura:** Página inicial do site Negrê.



Fonte: <https://negre.com.br/>

Na tentativa de construir uma dissertação, tendo como foco a mídia livre no Nordeste, conheci Larissa Carvalho, chefe e uma das fundadoras do *Negrê*, junto de Sara Sousa, por intermédio de uma colega doutoranda em Sociologia pela UFPE, Ana Paula, ex-atuante na plataforma. Convidei Larissa para algumas rodadas de conversa em cafês, seguidas de alguns papos via Whatsapp e Instagram. Sem ideia, nem roteiro, a conversa solta e as trocas de informação, a fofoca propriamente dita, me surgiram como mais interessantes. Larissa abre a boca e fala aos montes, o próprio golpe de espontaneidade. “*Então que Larissa fale*”, pensei.

2. *Figura: Instagram do Negrê.*



Fonte: <https://www.instagram.com/sitenegre/>

Com uma certa consciência de um itinerário pretendido, chego ao campo ainda num movimento de troca de mensagens com Larissa. Antevendo nosso primeiro encontro presencial, fui alertado, é “*jornalismo independente*”. Neste ponto, fui muito bem direcionado por Larissa ao movimento no qual eu pesquisaria, sobretudo, a partir do *Negrê*. Com isso, “[...] o jornalismo independente, crítico, alternativo, vivo entre pessoas e grupos preocupados com a reflexão, e não refêns da lógica do mercado, defendido por muitos às vezes de maneira mais uniforme do que como seus próprios estrategistas o vêem” (Fuser, 2000, p. 03).

A trajetória do jornalismo independente, no Brasil, não começa de hoje. Desde o tardio surgimento oficial da imprensa escrita no Brasil, no século 19, esse tipo de

jornalismo está presente nos mais diferentes contextos políticos, e é definido, em geral, por ser um jornalismo realizado sem vinculação econômica ou editorial a grandes grupos empresariais, na perspectiva de contraposição à mídia convencional. (Reis, 2017, p. 197).

Para começo de história, Larissa se formou em Jornalismo na UNIFOR, Universidade de Fortaleza, instituição privada, que, diga-se de passagem, como nos afirma Larissa, ainda é um local “*elitizado*”. Foi-me interessante perceber que, no braço direito de Larissa, havia uma tatuagem da silhueta do continente africano e, em seu braço esquerdo, uma silhueta do Nordeste brasileiro. Os locais grafados no corpo dela faziam, sem dúvida, parte do repertório e imaginário observados no *Negrê*. Há um movimento à construção de uma afirmação regional quanto ao espaço que o *Negrê* busca ocupar.

Essa perspectiva regionalizada do *Negrê* surge nos primeiros momentos de formação do portal, em reuniões à constituição da identidade editorial da plataforma, sendo, em especial, fruto de um diálogo entre Larissa e Paulo Gonzaga, escritor e psicólogo baiano. Vale dizer que, entrevistei Paulo via Google Meet, e me foi interessante notar que o portal, hoje chefiado principalmente por Larissa, emerge na efervescência de portais negros em função do período pandêmico, tendo sido atuante contra as mazelas sanitárias racistas durante a época.

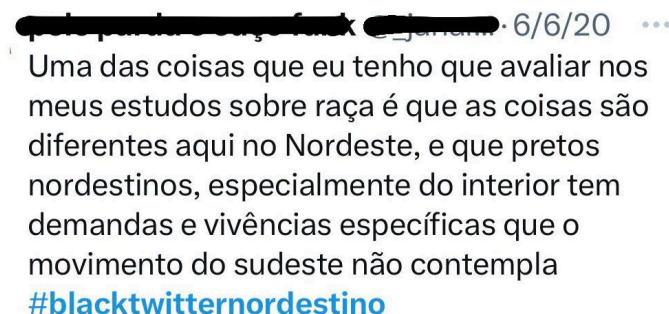
Quando retornamos, ainda em nosso primeiro encontro, a identidade nordestina como constituinte ao *Negrê*, Larissa afirmou ser um movimento que demonstra e defende a particularidade das prioridades editoriais negras na região. “*Ao invés de falar sobre a Ludmilla, que é uma cantora negra carioca, por que não falar sobre a Agnes Nunes, que é baiana? Falo isso porque tem mídias negras lá no sudeste já falando sobre a Ludmilla.*” Vendo isso como encaminhamento ao jornal, perguntei como, morando no Ceará, ela conseguia ter uma consciência de pautas importantes a outros estados do Nordeste. Larissa observou que o portal conta com um corpo de colunistas de cada Estado e que, mesmo com certos entraves, contribuem com o site.

Quando mencionei alguns sites negros do Sudeste que eu consumia, deparei-me com um “*eles não davam bola pra gente, não respondiam, não dialogavam*”, disse Larissa sobre os produtores de mídia negra do Sudeste quanto a interações no Twitter. Tendo essa questão como ponto de partida, uma série de comunicadores negros articularam-se em prol de uma *hashtag*³ chamada *#blacktwitternordestino*, num dia e horário específicos, a fim de gerar certa

³ Palavras-chave marcadas com uma cerquilha (#) nas redes sociais digitais e que centralizam as discussões acerca de um mesmo assunto.

articulação entre os produtores de mídia da região, estudiosos e demais usuários interessados na pauta.

3. *Figura 3: Postagem sobre o #blacktwitternordeste.*



Fonte: x.com/.

A hashtag mencionada foi fomentada ainda em 2020⁴, no mês de junho, período próximo ao de fundação do portal. Quando adentramos ao X, plataforma que hoje corresponde ao antigo *Twitter*⁵, é possível notar uma série de postagens que advogam pelas particularidades e necessidades de uma comunicação negra pautadas nas questões do Nordeste. Segundo uma das postagens, feita inclusive por Larissa, o *Negrê* é fruto desse movimento, tendo surgido cerca de um mês após a circulação da hashtag.

Nesse aspecto, do esquema interseccional grafado no corpo de Larissa às suas experiências numa tentativa de dialogar com uma negritude sudestina sem tanto sucesso, bem como seus diálogos com Paulo e os demais colaboradores da iniciativa, temos então o primeiro portal de mídia negra do Nordeste. No entanto, uma iniciativa dessas, conforme Larissa, não é fácil de manter. Sendo assim, o preço de um objetivo, de um sonho, ainda mais num mercado independente, sem custeio estatal ou grandes ajudas privadas, passa por inúmeras dificuldades à sua manutenção. De todo modo, tenho grafado na mente a frase, “*é o projeto da minha vida*”, dita por Larissa num momento de conflito quanto à burocracia e relações pessoais.

Importante considerar que, embora o *Negrê* se pense como uma iniciativa do jornalismo negro no Nordeste, cabe mencionar que ele é constituído por um corpo de

⁴ Vale ressaltar que os movimentos negros nesta época encontravam-se numa grande efervescência no off e no ativismo digital devido a casos de grande repercussão de violência racista nos EUA e no Brasil. Movimentos como a BlackOut Tuesday surgiram nessa época também. O período coincide com o assassinato de George Floyd e também próximo da data do caso Carrefour no sul do Brasil.

⁵ Rede social digital em formato de microblog onde é possível publicar textos com um número limitado de caracteres, imagens e vídeos, como também a troca de mensagens privadas entre usuários. Após ser adquirida por Elon Musk a empresa que gere tal rede alterou o nome de twitter para X.

colaboradores de maioria cearense, do eixo capital. Seria impreciso afirmar que o jornalismo feito pelo portal é nordestino na integralidade. Mais seguro seria dizer que é feito a partir do Nordeste, haja vista que, não podemos desconsiderar as regiões interioranas dos estados que compõem essa parte do país. Prefiro entender o Negrê como um instrumento representativo às negritudes no Nordeste com essas limitações em mente antes de prosseguir.

2. TRAJETO DE PESQUISA

A Etnografia foi desenvolvida com base na busca por um entendimento relacional sobre as experiências de sujeitos que constroem e sonham o jornalismo negro, tendo como foco sujeitos do portal *Negrê*. Construído em etapas, a primeira abordagem foi observar o conteúdo produzido nas plataformas do portal, para, em seguida, buscar aproximação efetiva com os produtores da iniciativa. Como um consumidor do conteúdo produzido no *Negrê*, não foi uma etapa desgastante.

Antes de seguir, aponto que alguns equívocos foram bem presentes, tais como a chegada em campo com vários conceitos dos quais tive que abandonar em função da existência de outros caminhos. Sugiro, ainda, que uma das mais felizes condutas que adotei foram as conversas em cafés com alguns de meus parceiros nessa pesquisa. Ouvi em mais de uma oportunidade que o tempo que dispus à escuta sobre fofocas, ansiedades, conflitos interpessoais e questões teóricas foram de grande ajuda. Essa postura justifica o uso frequente do termo “parceira/o” nesta pesquisa, não como meros interlocutores ou coautores diretos, mas como reais parceiros de caminhada, colegas, amigas/os. Definitivamente, construí laços reais no decorrer desse percurso, dei um ou outro livro de poetisas negras às minhas parceiras e dividi alguns lanches da tarde e cafés da manhã.

2.1 Da aproximação à coleta de material de pesquisa

A conversa “solta”, sem roteiro semi-estruturado, foi o primeiro exercício de aproximação, como demonstrei ao estabelecer um visionamento sobre o objeto. Por outro lado, coaduno com a concepção bourdieusiana sobre não existir ato desinteressado na pesquisa (Bourdieu, 1996). Mesmo sem perguntas programadas, o início desse processo demarca a busca por entender aspectos como motivação, autorreconhecimento e compreensão acerca de horizontes possíveis às abordagens deste trabalho. A abordagem encontrada para tal foi se constituindo de duas formas. Num primeiro momento, considerando que nem todos os colaboradores do portal estão em Fortaleza, no Ceará, estabeleci que, me disporia a “pagar” um café num local confortável às conversas aos que estivessem mais próximos, e, aos mais distantes, tentaria abordagens via videochamada.

Como método de coleta, utilizei de cadernos de anotação, contendo as datas dos encontros, junto de escritos sobre minhas impressões, sentimentos e observações em campo. Nesse aspecto, no sentido de construir um diário de campo, tido como um dever “pacificado” ao fazer etnográfico, tive como lastro os trabalho de Carolina Maria de Jesus (1960), mais especificamente em *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, e, posteriormente, os escritos pessoais de Alice Walker sob mediação de Valerie Boyd (2023), *Colhendo Flores sob incêndios: Os diários de Alice Walker*.

Nesse sentido, a escrita segue levando essas anotações em consideração. Em paralelo, utilizei gravações de áudio, em meu próprio celular, sob autorização de meus colaboradores de pesquisa. Quanto às transcrições, trabalhei de modo analógico, sem uso de softwares ou sites para a transcrição de áudio, considerando que a escuta a este trabalho é um momento de reavivar à mente as cenas e os diálogos gerados.

Ao todo, na conversa de aproximação, foram entrevistadas 4 pessoas, Larissa Carvalho, Dhara Amorim, Paulo Gonzaga e Karoline Tavares, parceiros nos quais mantive contato no decorrer de toda a pesquisa. Ainda na primeira conversa com Larissa, aqui já detalhada, fui incluído em um dos grupos de trabalho do *Negrê* no WhatsApp, visando participar ativamente da iniciativa, podendo até propor pautas. Decerto, embora as conversas iniciais estivessem sem direcionamento totalmente definido, tratei de ler as colunas/matérias dos respectivos alvos de minha aproximação, tudo em busca de compreender o que lhes movia a trabalhar no *Negrê* em relação ao que eles buscavam transmitir em suas escolhas editoriais.

Comumente a todos, antes de buscar conversar, visei estar ciente de seus interesses editoriais, e, sempre estive atento a narração de suas trajetórias e ao repertório esboçados no momento da pesquisa, tais como emoções, gestos, tatuagens, dentre outros materiais disponíveis à composição do campo. A disponibilidade de informações era vasta. Talvez como Hurston (2021), sendo uma romancista, não basta voz, também se trata de cena, aquilo que a autora exerce em sua escrita quando capta o humor, os objetos e, até, a indisponibilidade de Kossola ao diálogo. Aliás, pode não se tratar de captar a cena, mas sim trabalhar a sensibilidade.

Em todos os casos, me deparei, em especial, com comunicadores, jornalistas, em sua maioria mulheres. Destaco novamente que o Portal foi pensado inicialmente por Larissa Carvalho e Sara Sousa, duas mulheres negras. No entanto, por conflitos internos e rupturas no quadro de pessoal do portal, Sara não estará na composição deste trabalho, haja vista também

sua indisponibilidade. Ademais, Paulo Gonzaga foi o único contato com um homem que tive durante esse trajeto. Assim, é impossível deixar de notar o tipo de esboço teórico que deve ser encarado aqui. São narrativas vivas de mulheres negras comunicadoras em seus respectivos campos de atuação e interesses editoriais.

Para todos os efeitos, queria ouvir o que tivessem a me dizer, sem um roteiro inteiramente definido, entremeando os assuntos como rédeas dos meus interesses e objetivos etnográficos. O básico do básico, queria apenas ouvir e torcia para que falassem sem tantas reservas. Sabia que as trajetórias cruzadas à formação de um veículo independente de informação negra seria um produto provável, mas não sabia como seria.

No fim, a metodologia é o caminho quando percorrido. E, diga-se de passagem, percorremos esse caminho muitas vezes até quando não buscamos o percorrer. Falo sobre as palavras que encontro nas músicas, nas considerações sobre outros trabalhos meus que recebo em congressos, sobre leituras que nada dialogam a princípio com o tema. Diria, até, que é mais fácil buscar percorrer estes caminhos sem tantas predisposições objetivas. Por óbvio, estabelecemos nossos procedimentos conforme nossos objetivos, mas o que quero dizer é que, não quero me sentenciar a uma única abordagem por respeito irrestrito aos processos preestabelecidos para lidar com as relações em campo.

Considerando isso, diria que minha segunda escolha de abordagem é a consequência da escuta solta, do procedimento incerto. Extrai, dessas primeiras aproximações, várias ideias e diversas outras questões que surgiram desse trajeto. Com tantas questões, busquei guiar minhas perguntas de modo mais objetivo. Agora não tinha como fugir completamente de um roteiro, de perguntinhas anotadas sob um caderninho de campo.

Na conversa com Paulo, pensei no papel e na atuação de jornalistas e portais negros durante a pandemia, quando este me lembrou do caso de assassinato do menino Miguel. Karol e Larissa me lembraram de buscar compreender mais objetivamente sobre o quanto a trajetória de quem faz jornalismo constitui a identidade do jornal e o sonho de viver da informação. Em meus diálogos com Karoline, pensei em financiamento e nas dificuldades em se manter como profissional num contexto de atuação independente.

Nesse sentido, após as primeiras aproximações, questões foram sendo postas em minha mente, e como em qualquer relação retornei várias vezes para complementar as respostas, ditas e não ditas, para pautas que considero como importantes ao fluxo deste trabalho. Essas questões, e o retorno às entrevistas mais dirigidas esboçam-se neste trabalho em todos os capítulos.

2.2 O que o caminho tem a nos dizer?

Compreendendo que as condutas também são consequências da experiência, não poupei esforços por trocas ao longo do tempo de pesquisa e mestrado. Numa dessas, mais especificamente na IV COPENE Nordeste, em 2023, escutei algo simples e definidor a minhas escolhas com o capítulo sobre autodefinição, encapado neste trabalho. A pergunta foi simples, “*e o sobrenome de Larissa, ela não tem?*” Agora imagine aí, apresento um trabalho sobre alguém no qual nem sequer nomeei direito.

Ainda nesse mesmo evento, noutro grupo de trabalho, vi a intrigante apresentação de um mulher branca falando sobre um quilombo no interior de Alagoas - diga-se de passagem, de modo exotizante - cujas fotos apresentadas na demonstração consistiam basicamente nela em primeiro plano, com os integrantes do quilombo todos ao fundo, longe, como quem diz, “*olha que legal, um passeio no quilombo*”.

Se admitirmos, deste modo, que toda imagem pertence à grande família dos fenômenos, não poderemos mais equiparar uma imagem a uma bola de sinuca ou a um prego que a tábua engole quando, nela, o martelo bate. Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante. [...] A imagem, assim entendida, é longe de ser uma abstração. Ela é a eclosão de significações, num fluxo, amplo e contínuo, de pensamentos que sabe carregar. É por essa razão que a imagem pode-se tornar um clarão numa noite profunda, a aparição de uma espécie fantasmal esquecida, que, de repente, se desvela por um curto instante, se revela, nos lembra de outros tempos e de outras memórias. (Samain, 2012, p. 158).

A mesma pesquisadora, após ter concluído seu trabalho, cujo foco era a atuação da “matriarca do quilombo”, pediu mais um tempinho de “tela” às coordenadoras do Grupo de Trabalho, porque tinha esquecido de mostrar a foto da personagem principal de sua pesquisa. Ainda hoje penso que ela errou na fala, ela não esqueceu de mostrar o foco de sua pesquisa em imagem, porque a vimos muito bem, várias vezes em primeiro plano, inclusive em suas autopromoções sobre suas ações beneficentes direcionadas ao dito quilombo.

As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de nós para que sejam desdobrados seus segredos. As fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. É por essa razão, ainda, que as fotografias se acumulam como tesouros, dentro de pastas, de caixinhas, de armários, que elas se escondem dentro de uma carteira. Elas são nossos pequenos refúgios, os envelopes que guardam nossos segredos. As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências, memórias, arquivos. [...] O arquivo,

penso, é uma memória em latência, uma memória que cochila, que, encoberta, poderá ser, amanhã, descoberta, re-aberta. Uma memória, aliás, que nos habita a tal ponto, que se diz de uma pessoa assassinada que ele era um “arquivo vivo”. (Samain, 2012, p. 160).

Por essas e outras, retorno à Lélia Gonzalez (1984) e pergunto, “*cumê que a gente fica?*” A gente fica atento, não é? Não quero ser segundo plano de ninguém, muito menos sujeitar meus colegas de pesquisa a não possuírem sobrenome quando isso se faz necessário, muito menos a não articular suas vozes a suas imagens num sentido fotográfico propriamente dito.

Por isso, o capítulo 3 opera sobre duas escolhas: nossas vozes, quando falamos o que temos a dizer sobre o que nos define e nossas imagens, entendendo que temos direito a este arquivo de memória. Articulo isso a medida que penso que podemos ir além da tradição oral, e, assim como Evaristo (2017) reivindica a escrita através das vivências como forma de retomada, buscarmos nosso direito às lembranças e à presença também partir da imagem. São as grafias de nossa existência.

2.3 Escolhas à escrita

Aliás, antes de continuar, devo afirmar que a escrita é campo, não menos importante que o levantamento de dados, não porque os expressa, mas porque escolhemos expressá-los de maneira constantemente negociada, entre crenças, teorias e sujeitos de campo. Com isso, “O que quer que a escrita etnográfica possa ser, por onde poderíamos começar senão pela organização, pelo procedimento de pôr os dados em ordem?, de pôr ordem nos dados?, em outras palavras, pela criação de um segundo campo?” (Lima, 2013, p. 17).

O trabalho não acaba no campo de levantamentos, assim como nem somente de rearranjos de dados vive a escrita etnográfica. Tânia Stolze (2013) já alertava em seu trabalho antropológico, que a transposição e o trabalho textual são, em sua perspectiva, o segundo campo, senão o mais complexo ao trajeto etnográfico. Penso que, aqui, o termo mais desafiador é *escolha*, porque ele nos compele à responsabilidade que é escrever e entrar num jogo em que as palavras, entre cada parágrafo, não são ocasionais.

Não é equivocado dizer que a escrita, a grafia, são metodologias nossas, táticas de sobrevivência e retomada de um espaço estratégico e inventivo quando relacionado a seus sujeitos. Da composição de canções e poemas às monografias mundo afora, a possibilidade

de construir outros mundos e espaços à salvaguarda de nossas histórias, paixões, ofícios e sobrevivências, muito justifica nossa busca pelas palavras grafadas em telas eletrônicas e papéis. A autora Carolina Maria de Jesus, muito recorria à escrita, como forma de sobreviver e pedir socorro, quando interpelada pela miséria.

Portanto, as escolhas escritas aqui se justificam como metodologia, uma vez que, a fala de meus parceiros de pesquisa, os colaboradores do *Negrê*, estão postas sob 4 escolhas. A primeira, demarca uma escrita ficcional aliada à realidade da minha infância quanto às minhas relações com os noticiários policiaiscos. Esta via foi adotada tendo como lastro o trabalho de Evaristo (2017). A segunda, utilizada ao longo do texto por inteiro, tem como base o trabalho de Martinho Tota (2021), cujas falas de seu parceiro de pesquisa estão distribuídas ao longo do corpo do texto, não em citação com recuo, de modo a privilegiar a voz de interlocução em paralelo a suas próprias análises e descrições enquanto autor.

A terceira escolha à escrita se dá no contexto do terceiro capítulo, através da necessidade de construir um espaço de voz ativa às interlocuções. Para tanto, a leitura sobre o trabalho de Hurston (2021) com Kossola foi fundamental à adoção dessa parte, privilegiando falas completas de modo corrido sem entremeios meus. O quarto método de escrita está no que considera como parte de uma busca por um Antropologia vivida, sem compromisso necessário com floreios literários ou objetividades científicas. Trata-se, portanto, da busca pela minha voz como autor.

3. A PAUTA

Eu morri. A cada dia me lembro mais do cheiro dos disparos, dos gritos, das luzes em vermelho do carro da polícia, dos refletores, partindo de um mundo que me queria como pauta. Gostaria de explicar melhor, recompor essas imagens às palavras, à escrita, para bem falar sobre tudo mesmo num momento póstumo, como hoje. Conceição Evaristo (2017) confidenciou seu despudor diante da possibilidade de criar e recriar memórias. “As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (Evaristo, 2017, p. 12).

Digo, em tom descritivo, que a paleta de cores da cena não me foge à mente. Os tons de negro na pele das mulheres e dos mais jovens que me rodeavam, a fita preta e amarela que protegia a cena, junto ao tom de cinza e vermelho do carro da polícia militar, “o carro do ronda”⁶. Ainda havia a “morticidade” contida na cor do asfalto em contraste com o avermelhado de meu sangue. Como eu lembro? Acho que é o tipo de coisa que não se pode esquecer, mesmo quando seu corpo está coberto por um tecido branco e seus olhos já não se atinam à vida.

Ao que importa sobre minha partida, isso aconteceu faz um tempo, entre 15 e 20 anos atrás. Lembro do dia que recebi a notícia, eu não enxerguei muito bem, meu corpo estava borrado e as imagens intercalavam-se entre a multidão e a cena. Minha tia falava sobre as circunstâncias de meu assassinato. Minha mãe, coitada, lamentava aos gritos. Era o tipo de choro que ecoava ao corpo, levando-a ao chão. As vizinhas, suas amigas, tentavam segurar minha mãe que, sem rumo, não sabia se invadia a cena do crime ou suplicava a Deus para me acompanhar na morte. Havia um repórter e segundo ele, a cena era trágica.

Após falar com minha tia a fim de averiguar minha índole, o jornalista direcionou sua fala à pena que sentia de ver a dor de uma família desmembrada. Eu havia de partir mesmo. Isso era provável, segundo o rapaz da reportagem. “*Um menino tão novo, com um futuro pela frente, mas que escolheu os caminhos errados*”. Mas é óbvio, a culpa de minha morte era minha, eu queria que minha mãe caísse em agonia, queria tomar tiro. Ironia? Que nada.

⁶ Com o termo, “o carro do ronda”, quero me referir ao programa de policiamento comunitário implementado pelo Governo do Estado do Ceará em 2007, denominado “Ronda do Quarteirão”, tendo sido extinto e substituído pelo “Raio” 10 anos após sua criação, por não cumprimento da finalidade. Link da informação: <<https://cn7.com.br/apos-10-anos-programa-ronda-quarteirao-chega-ao-fim-e-sera-substituido-pelo-raio/>>. Acesso em 10 de março de 2023.

[...] negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, ciancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. (Gonzalez, 1984, p. 225, 226).

À quem narrou o ocorrido, em posse de um microfone, não me parecia ser importante que soubessem de onde eu vim e para onde eu queria ir. No fim das contas, era culpa minha. Disseram que eu havia me envolvido com coisa ruim. Não importa, deitado ali no chão, perdi toda minha identidade, eu era um “envolvido”, seria, então, normal que eu morresse assim. Não havia mais o que pensar. Tudo isso aconteceu durante o almoço, assistindo ao *Cidade 190*⁷.

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome. (De Jesus, 1960, p. 36).

Então, é como diz Carolina Maria de Jesus, “marginal não tem nome”. Contudo, eu, criança, via meus corpos jogados ao chão diariamente, assiduamente noticiados. Nesse espetáculo, aquele sujeito era eu, aquela mãe, a minha, aquelas pessoas e tia, minha comunidade. Aquilo se repetia todos os dias. Mastigava o *Cidade 190* digerindo minha morte. Tudo isso após as aulas matutinas no fundamental, entre meus 8 e 10 anos.

Muitos negros acreditam neste fracasso de legitimidade e declaram uma guerra maciça contra a negritude. Este racismo dos negros contra o negro é um exemplo da forma de narcisismo no qual os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco. Eles literalmente tentam olhar sem ver, ou ver apenas o que querem ver. (Fanon, 2008, p. 15).

Quando dei por mim, era normal que eu me distraísse e me revoltasse contra os meus corpos, sejam aqueles que foram baleados, acusados ou entrevistados no “caos” corrente de “meus locais no mundo”. Segundo Neusa Santos Souza (1983, p. 30), “o negro acreditou no conto, no mito, e passou a ver-se com os olhos e falar a linguagem do dominador”. Digo, o mesmo tipo de auto-ódio que bell hooks (2019) diz nos oprimir e oportunizar as empreitadas brancas pela supremacia.

Era constantemente alertado por um familiar qualquer que eu acabaria “daquela maneira” caso eu não agisse corretamente. Eu seria noticiado para vários outros *eus*. Decerto,

⁷ O **programa** *Cidade 190* faz parte da grade da **TV Cidade** Fortaleza, emissora do Grupo Cidade de Comunicação. Tratava-se de uma programação televisiva que veiculava matérias de cunho criminal e policial.

eu seria meu próprio vilão, no passatempo que assistia nos pós-aulas. Eu perderia minha história. Seria contado como um caso do caos das favelas.

“Homens negros, e pessoas negras em geral, são representados excessivamente nos noticiários como criminosos. Significa que são mostrados como criminosos de modo exagerado, mais do que o número real de criminosos [...]. Então, você educou um povo, deliberadamente, por anos, por décadas, para crer que homens negros, em especial, e pessoas negras, em geral, são criminosos. Quero ser clara. Não estou falando só de pessoas brancas. Pessoas negras também acreditam e morrem de medo de si mesmas.” (Borges, 2019, p. 39 apud Malkia Cy ril. Diretora-Executiva da Center for Media Justice, em depoimento no documentário A 13ª Emenda de Ava Duvernay).

Desde cedo, evitei ser uma história contada por aquela TV. Se eu possuísse voz no microfone e não estivesse ao chão, onde eu poderia aparecer senão no *190*? Sob a rubrica de uma tragédia qualquer? Eu poderia falar da minha paixão pela minha comida favorita? Poderia eu explicar o que vinha aprendendo no ensino fundamental à época? Acho que não! Era melhor evitar ser um sujeito com história, porque não sei se eu gostaria do modo como eu seria veiculado por aí. O *190* me comunicou, ainda em tenra idade, que viver às margens de um rio, sendo negro numa favela, era uma forma um tanto fácil de ter minha história contada pelos seus editoriais criminalísticos.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (Ngozi Adichie, 2019, p. 11).

As informações transmitidas sobre meu “mundo” estavam sempre muito bem ensaiadas, sob o poder de quem nos vendia muito bem. Eu, o envolvido, o predestinado à morte. Minha mãe, inconsolada, que tentou de tudo para não ver daquele modo. Minha tia, entrevistada, a interlocutora acerca dos “fatos”. O repórter, o mensageiro. O jornal, uma advertência aos daqui e um entretenimento aos de lá. Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 22) diria que, “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. Eu, no entanto, posso até ter sido apresentado ao meu papel nessa trama, mas nunca me identifiquei bem com esse palco.

3.1 Apenas um elemento?

Parte do processo que me fez entender minha raça foi em minha adolescência, quando, em flertes amorosos e noutras relações, era rejeitado por “questão de gosto”. Comunicavam-me sobre minha negritude assim, logo eu não a queria, tampouco a consumia. Na *MTV Brasil*⁸? Só brancos apresentando. Eu a amava. Não me importava quanto a minha ausência naquela tela que marcou minha juventude. Queria informar ao mundo que eu era branco, ou pelo menos não tão negro. Em meu *Facebook*? Tornei-me branquíssimo via filtros de imagem⁹. Antes disso do que um preto no *190*, correto? Produzi-me midiaticamente nas redes afora como um “pardo clarinho”.

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado pelo perseguição do seu corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. (Souza, 1983, p. 6-7).

Consumir a branquitude me parecia tão mais digno dos meus sonhos e desejos do que enxergar minha negritude com outros olhos. Não seria esse um modo de fugir dos papéis ensaiados pelo editorialismo dos jornais criminalísticos? Não nego, sempre quis ser um humano, mas eu era um corpo, apenas um “elemento”¹⁰, como dizem por essas bandas. “O racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e de outros não brancos, constituiu a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor” (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 57). Eu me negava, queria ser amado. Para ter história, existia em minha mente uma receita muito simples, a autonegação. “Sou Narciso e quero ler nos olhos do outro uma imagem de mim que me satisfaça” (Fanon, 2008, p. 176).

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida” (Fanon, 2008, p. 180).

⁸ MTV Brasil (Music Television) foi uma rede de televisão aberta que esteve no ar no Brasil entre 1990 e 2013, voltada para o público jovem e muito popular com conteúdos juvenis e musicais.

⁹ Efeitos aplicados em imagens para causar alterações desde esquemas de cores e iluminação até a adição, de forma realista, de elementos que alteram a aparência dos presentes na fotografia.

¹⁰ Trago esse termo, muito sintomático de meu consumo acerca de programas criminalísticos locais em minha infância, bastante usado como um sinônimo a “criminoso” à época. Penso que ele expõe uma estratégia comunicacional de desumanização, ao passo que classifica um sujeito não como indivíduo, mas como um componente de um todo, como uma substância da tabela periódica.

Agora eu queria ser o repórter, apresentador, e não a informação. Poderia contar a história, escolher quais partes eu destacaria e quem poderia falar ao meu microfone. No entanto, parando para pensar, eu voltaria ao *190*, mas agora como um informante do caos que me vendiam, fingindo que aquele corpo ensanguentado no chão não era o meu. Minha tentativa de enfim ter uma história seria frustrada por um paradoxo, pois afinal, *como eu poderia me definir espetacularizando meu próprio cadáver ao chão?* Negando-me, não parecia haver saída para contar história alguma sobre quem eu era ou gostaria de ser. Venderia o choro das mães aflitas pelas perdas de seus maridos e filhos para uma violência “sem nome e sem endereço”.

Após um tempo considerável, ao produzir minha monografia para o curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Ceará (UFC), tratei do cancelamento¹¹ que atingiu a rapper Karol Conká¹² e me deparei com produções midiáticas como subsídios ao debate que eu vinha construindo. Busquei saber o que as mídias *on-line* vinham falando sobre o tema para construir um diálogo amplo sobre aquele processo que atingia uma pessoa negra. Nesse fluxo, em que muito trabalhei com subsídios midiáticos, me deparei com o portal *Geledés*¹³, fundado e dirigido por mulheres negras. Não só obtive material útil à minha pesquisa, como também passei a consumir e adentrar ao universo das plataformas midiáticas negras *on-line*.

Esse cenário é reflexo da consolidação da Internet como universo produtivo, algo que favorece a existência de plataformas jornalísticas de diversas naturezas, inclusive mídias negras, assim como permite ao usuário comum ser criador de algo. E, aqui, diante disso, cabe uma reflexão: a inegável expansão do acesso à Internet, ocorrida nos últimos anos, não pode, e por isso não o faremos, ser tomada como totalizante, pois o acesso ao ciberespaço ainda está longe de ser universal. (Brito, 2022, p. 160).

Negras e negros criando pauta e definindo rumos editoriais? Cancelem a informação de meu assassinato, há outros rumos para que eu me pense como pauta e editor. O carro da reportagem chegou e eu estava completamente vivo. Aparentemente, ando por aí desmentindo muitas editorias jornalísticas de outrora - ou até mesmo de agora. Segundo o *Geledés*,

¹¹ Fenômeno moderno onde atitudes ou ações podem ser vistas como questionáveis e justificar a exclusão ou expulsão de indivíduos de posições de influência, fama ou função. O cancelamento ocorre por mobilização massiva de grupos sociais que condenam tal atitude ou posicionamento de alguém.

¹² Rapper negra brasileira exposta a um reality show de proporções nacionais e protagonista de ações reprovadas pelo grande público, vítima de consequências em razão do seu “cancelamento”.

¹³ “Geledés: Instituto da mulher negra” é uma organização política brasileira de mulheres negras contra o racismo e sexismo, fundada pela filósofa e ativista Sueli Carneiro. E que possuem, dentre outras coisas, um serviço de notícias. Link da informação: <https://www.geledes.org.br/category/geledes-instituto-da-mulher-negra/quem-somos/>. Acesso em 12/10/2013.

publiquei um livro. No *Alma Preta*¹⁴, disseram que fui premiado por meu trabalho. Aqui mais pertinho, no Ceará, o *Negrê* tem falado sobre minhas roupas e hábitos. Tudo “muito chique”. Quem diria que eu agora confabularia sobre aparecer nos jornais, não é? Passo a ser alguém, não só um elemento, posso e passo a falar de mim, me autodefinir.

3.2 Por nossas vozes: nos fluxos da autodefinição e da retomada de si

Até aqui, joguei com realidade e ficção para tratar de um cenário mais amplo do que minha história, mas, se lembro bem de quase todas as disciplinas do mestrado em Antropologia da UFC/UNILAB, o que permanece como um “dogma” por aquelas salas de aula é a proposta do autorreconhecimento. Justo! É importante esboçar um pensamento para que nos situemos acerca da necessidade de nos autodefinirmos. Como nos alerta Patrícia Hill Collins (2019, p. 80), a partir de suas articulações pelo pensamento feminista negro, “os pontos de vista autodefinidos podem fomentar a resistência”. Hoje interpreto isso como uma proposição a vivermos nossos trabalhos como nós mesmos. No que tange minha existência, é inescapavelmente a jornada do “tornar-se negro”, o que “[...] não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (Santos, 2019, p. 85).

É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. (P. 85) Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (Santos, 2019, p. 85).

Nesse quesito, fui interpelado acerca da necessidade de “tornar-me eu” em minhas produções, por incentivo de minha orientadora na graduação em Ciência Sociais, Geísa Mattos, Doutora em Sociologia. O conceito disso ainda não me parecia muito nítido. Acho que o “rigor científico” era a lei. Como julgar um jovem que só queria ser culto frente a uma elite intelectual? Validação é tudo! Além disso, entendo que a autodefinição é encarada como

¹⁴ “O grupo, criado em 2015, faz uma cobertura da realidade brasileira a partir do olhar de jornalistas negros e produz conteúdo em diferentes formatos sobre assuntos variados, como segurança, direitos humanos, cultura, comportamento, política, entre outros.” Link da informação: <https://almapreta.com.br/quem-somos/>. Acesso em 12/10/2023.

um processo que mobiliza memória e experiência. Qual é o sujeito negro que busca reviver traumas? Ser primeira pessoa é estar nu ou coberto de si. Arriscado e ambíguo. Entretanto, como nos intui Lorde (2019, p. 52), “seu silêncio não vai proteger você”.

Quando em minha graduação defendi meu trabalho de conclusão de curso, lembrei de preconizar a relevância acadêmica de minha monografia num contexto de importância científica, situada num tempo. Hoje, revisitando esse texto, procuro-me. Não há sequer uma palavra que defenda minha memória e espírito naquele trabalho. Sim, é um passo de vários que trilhei, mas deste ponto reflito, *“morrerei com meus textos ou confessarei meu eu ao ponto de viver como Lélia, Zora, Audre, bell hooks e tantas outras que continuam perceptivelmente vivas em suas obras?”*.

Tão óbvio, mas tão esquecido, cada verbo empregado no texto de Lélia Gonzalez (1984), *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, me alude às escolhas de um exercício antropológico textual cujo trabalho com as palavras beira aquilo que aqui defendo como *“algo que não passa de vida”*, de experiência.¹⁵ Pura, simples, escancarada em deboches e ironias, não podemos argumentar aqui que o que a autora pretendia era produzir um texto rico em literatura, distribuído em gêneros ou erudições, mas argumento que nos deparamos com um texto rico em Lélia.¹⁶ Há força nessa Antropologia.

Nesse contexto, se colocar como objeto de si, ou melhor, exercer a auto-objetivação para tornar-se quem se é, acaba por demandar coragem. Mas retornamos à questão que encena esta escrita, *não viverei em meu próprio trabalho?* Certa vez me disseram, escreva para antropólogos, como óbvia alusão à objetividade científica. Minha língua amargou na hora e meus dedos congelaram. Pensei rabudejante, *“não quero, que os antropólogos me leiam direito, com menos hostilidade à minha poética”*.

Podemos nos condicionar a respeitar nossos sentimentos e transpô-los em linguagem para que sejam compartilhados. E, onde não existe ainda essa linguagem, é a poesia

¹⁵ “Assim como no jeito popular de falar, Lélia usava e abusava da economia linguística em seus artigos: pra (para), tava (estava), tamos (estamos), cumé (como é). Utilizava expressões como a gente em vez de nós. Encontramos muitas gírias em seus escritos. Várias delas eram relativas a grupos jovens e passaram a ter uso mais geral: papo (conversa), sacar (compreender), mancada (falta), lance (situação).” (RATTS, 2010, p. 73).

¹⁶ Acho importante dizer que, embora eu aponto que o que Lélia articula em sua obra é antes vida do que arte, não significa deixar de considerar suas incursões por esse cenário. “No Rio Grande do Sul, o Grupo Palmares, fundado em 1971, fez incursões no campo das artes. Na Bahia, ocorreu a criação do bloco afro Ilê Aiyê, em 1974. Em São Paulo, na capital e no interior, havia uma efervescência do teatro negro amador desde o final dos anos 1960. Depois, desabrocharam a poesia e a literatura negras, com a criação dos Cadernos Negros em 1978. No Rio de Janeiro, destaca-se a fundação do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Qui-lombo, em 1975, do qual Lélia Gonzalez participaria posteriormente. Poética e estética negras se reconstruíram naqueles anos”. (RATTS, 2010, p. 66).

que ajuda a moldá-la. A poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos daquilo que nunca existiu. (Lorde, 2019, 47).

Por óbvio, minha teimosia em permanecer fiel ao que demorei a entender dos incentivos de Geísa é parte deste trabalho, por isso abro esta parte para falar um pouco da necessidade da autodeterminação nos termos de nossa liberdade em sermos quem somos, até mesmo, o que ainda não conhecemos de nós. Essa escolha não é ocasional, pois, inspirado também pelos ensaios escritos de minha atual orientadora, Denise, Doutora em Antropologia, me deparei, em suas redes sociais, com um “por que escrever?”. Respondo que, escrevo toda vez que me faço novo ou sentimental, como quem tem uma novidade para denunciar ao papel. Mas isso é sobre mim. Alice Walker (2023) diria que sua escrita é uma via de defesa para proteger quem ela ama. Há tantas respostas.

3.2.1 Um esboço teórico

Num sentido clássico, quando nos voltamos à relação entre Antropologia e antropólogo, podemos notar um certo desconforto em exercer o trabalho etnográfico de modo a compreender a auto-objetivação como um elemento presente ou feliz à soma de nossos trabalhos. Sim, auto-objetivação não é autodefinição, mas é um componente crucial em sua formulação.

O autor funcionalista, Malinowski (2018) em sua obra *os Argonautas do Pacífico Ocidental*, buscava estabelecer outros dogmas de pesquisa etnográfica a fim de manter certa neutralidade, sugerindo que, com a convivência, se poderia ficar invisível, a fim de estabelecer um “ponto de vista nativo”. *Como pode um antropólogo buscar deixar de existir em seu próprio trabalho?* Embora o ponto de vista nativo fosse uma real proposição ao entendimento funcional do universo *Trobiand* a partir do Kula, à medida que seu diário particular de campo viesse a público, seria impossível não considerar sua presença.

O subjetivo de Malinowski (2018), nas mãos de sua viúva, Elsie Masson, fotógrafa e escritora, supostamente motivada pelas infidelidades de seu falecido marido, foi o bastante para abalar certos pilares de uma disciplina em firmamento. Objetividade para quê? Para ser ciência, é óbvio. Devo ser honesto, foram esforços de uma época, de um local e de alguns

sujeitos. Contudo, antes dos diários serem publicados, já havia um exercício de implementação de um repertório subjetivo na escrita de Malinowski (2018), afinal, toda escolha demanda uma negociação e um olhar para si e à relação com os outros. Pensar em seu sistemas sinópticos como veículo de comunicação etnográfica certamente demarca um local nesse sentido. A grafia do autor, seria, então, o exercício inescapável de transposição de si. No papel não há Malinowski invisível.

Ainda na perspectiva dos cânones, essa verdade, acerca da negociação entre objetividade e auto-objetivação não seria uma novidade para Claude Lévi-Strauss, que, conforme Tânia Stolze, compreendia a “dura” tarefa de ter que se voltar para si ao encarar a etapa escrita de uma etnográfica.

[...] a comunicação é o problema fundamental da nossa disciplina e que, por isso mesmo, um risco trágico (o mal-entendido) inelutavelmente nos espreita em nosso empreendimento de identificação. [...] Lévi-Strauss desdobra o problema de comunicação; ou seja, ele reivindica que a questão não concerne unicamente à relação entre o eu e o outro mas afeta identicamente a relação entre eu e mim. E condiciona, em seguida, o conhecimento antropológico a uma auto-objetivação. Daí, creio, a trama intrasubjetiva sobre a qual repousa ou da qual depende o conhecimento etnográfico, que só poderia ser desditosa, entre um eu subjetivo e um eu objetivante, um eu objetivo e um outro subjetivado, que buscam comunicar-se um com o outro. (Lima, 2013, P. 2018 *Apud* Lévi-Strauss, 2003).

A auto-objetivação não é inovadora, é apenas um passo do processo etnográfico num desenrolar intersubjetivo, por muito que tentem fazer não parecer. Como visto acima, a questão é admitida até por um “cânone” antropológico. Então por que o debate? Porque segundo o mesmo raciocínio straussiano, extraído das considerações de Lima (2013, p. 18), “a escrita seria em alguma medida o preço que teríamos de pagar pelo campo; e ela seria a batalha, decisiva porque teria de passar por essa auto-objetivação”.

Já num contexto de pós-modernidade ao pensamento antropológico, James Clifford (2016), em *A escrita da Cultura*, diria que, esta ficção que produzimos sobre o “outro” e nosso contato com este precisaria de se redefinir pensando em nossas angulações e autoridade. Em suma, o que Clifford (2016) nos propõe é a tomada de uma consciência sobre nossos retratos de uma realidade, atentos ao nosso ofício a partir de nossa autoridade, como donos dessa capacidade de “angulação etnográfica”. Contudo, isso sugere a necessidade de autodefinição?

Para Lila Abu-Lughod (2018) o postulado de James Clifford não era exatamente uma

transformação no modo de escrever sobre a cultura, estava mais para uma “inovação textual”. A autora motivada pela crítica pós-colonial coloca isso em questão à medida que o dito autor exclui o feminismo de um movimento que constrói passagens para se pensar um universo etnográfico escrito em movimento de autoconsciência. Ainda segundo Abu-Lughod (2018, p. 208), “mulheres, na verdade, produziram ‘formas de escrita não convencionais’. Ele apenas as ignorou, negligenciando algumas antropólogas profissionais [...] que experimentaram na forma”.

Penso que o que Abu-Lughod (2018) tenta demonstrar é que as proposições feitas em *A Escrita da cultura* estão deslocadas de quem faz etnografia ao privilegiar senso de autoridade, e não os sujeitos de seu exercício como seres de história. De todo modo, seria interessante observar que apesar dela preferir não trabalhar a questão das posicionalidades para além do espectro de seu feminismo num lugar de não-ocidente, imagino que seu modelo crítico nos sirva muito para pensarmos sobre o que realmente demarca uma transformação escrita longe de um centro epistemológico.

Na antropologia, a despeito de uma longa história de tímida oposição ao racismo, da crescente literatura autocrítica sobre suas ligações com o colonialismo (ASAD, 1973; CLIFFORD, 1983; FABIAN, 1983; HYMES, 1969; KUPER, 1988) e da experimentação com técnicas de etnografia para aliviar o desconforto com o poder do antropólogo/a sobre o objeto antropológico, as questões fundamentais da dominação continuam a ser contornadas. Mesmo tentativas de redefinir informantes como consultores e de “deixar o outro falar” em textos dialógicos (TEDLOCK, 1987) e polívocos – descolonizações ao nível do texto – deixam intacta a configuração básica do poder global em que a antropologia, ligada a outras instituições mundiais, se estabelece. Para enxergar a estranheza dessa empreitada, basta considerar um caso análogo. Qual seria nossa reação se homens acadêmicos postulassem seus desejos de “deixar as mulheres falarem” em seus textos enquanto continuam a dominar todo o conhecimento sobre elas, controlando a escrita e outras práticas acadêmicas, respaldados por seus postos em dada organização da vida econômica, social e política? (Abu-Lughod, 2018, p. 199-200).

A pós-colonialidade de Lila Abu-Lughod (2018), nos remete a algo que vai para além do senso de autoconsciência empreendido na pós-modernidade, bem como, diferente de Geertz (1989), empreende um diálogo que consequentemente atravessa a questão do colonialismo e das relações de poder. Nos é útil refletir sobre os modelos de estruturação de uma escrita etnográfica a partir de Abu-Lughod (2018), em sua lógica contraposição aos “paliativismos” e às contradições encontradas na tradição pós-moderna de Clifford (2016). Contudo, ela está situada num espaço de reflexão que vê diversas categorias, no quesito de marcadores de diferenças, como produtores de fissuras e desigualdades.

Decerto, não há motivos para pensar que Lila Abu-Lughod esteja equivocada quanto a suas considerações no quesito raça e gênero como invenções úteis à produção de relações desproporcionais, mas, ainda sim, me é útil empreender esforços para pensar a partir de certas categorias dadas como realidade. O que fazer então? *Ocidente e não-ocidente* faz parte do trabalho da autora, mas sou negro em diáspora, num contexto de ocidentalização, e devo mobilizar as categorias que geram as diferenças de modo que eu consiga, estrategicamente, me fazer memória burlando a consciência através de seus próprios sistemas (González, 1984).

A autorreflexão, como exercido prático no trabalho de Gonzalez (1984), seria um ponto crucial à autodefinição, ao passo que, esta última seria um importante fio condutor ao controle de nossas próprias narrativas em fuga da neutralidade científica e de nossa inexistência. Ressaltando que, antes mesmo de nos colocarmos como sujeitos em exercício de autoridade, precisamos, ao menos, nos reconhecermos como sujeitos, cientes de si, inseridos em contextos de identidade e história.

Estive encantado por um fazer científico que se produz por si só, em terceira pessoa, porém não mais. Para isso, eu teria que encarar a ideia de que existe uma entidade flutuando por aí sem nome, desenvolvendo pesquisas aos montes e as jogando aos ventos. Como sou eu que produzo minha Antropologia e ainda não sei como flutuar ou apagar minha trajetória e sentimentos, vou me definindo, falando mesmo. Isso, entretanto, também é um postulado relacionado à raça, ao passo que, podemos considerar o extenso regime de desautorização discursiva acometido às negritudes.

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (Gonzalez, p. 225, 1984).

Uso essa reflexão “teórico-vivida-sentida”, como ponto de partida, para tratar de um jornalismo negro que não existe por si só, e não se justifica apenas por sua importância coletiva, mas também por seus sujeitos, em suas distintas trajetórias e formas de se definir. Isso me alude à necessidade de dar nome e sobrenome a estes sujeitos, ou melhor, aos meus

parceiros, que, neste trabalho, buscarei abrir espaço voz, sem a dissociar do corpo principal do texto.

Portanto, abrir espaço à quem tem algo a dizer, burla qualquer empreitada teórica se considerarmos que este tem sido o postulado quanto aos pensamentos negros numa contemporaneidade marcada pela busca de reapropriação autodiscursiva. A autora interdisciplinar, Grada Kilomba (2016, p. 177) , diria este regime e de silenciamento é um sintoma irremediavelmente colonial, quando aponta que, “Existe um medo apreensivo de que, se o(a) colonizado(a) falar, o(a) colonizador(a) terá que ouvir e seria forçado(a) a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’”.

Ainda nisso, estaríamos, segundo Ribeiro (2019), frente a um regime de desautorização discursiva, de cerceamento de nossas narrativas. Nesse aspecto, pensar em um *lugar de fala*, é pensar que, antes do discurso, há o sentimento/premissa de que a voz não flutua sem a geografia de nossos marcadores e experiências. A possibilidade de discursar a partir de si e por si, e de privilegiar os dizeres de nossos semelhantes num sentido localizado, está contido na prática de autoras como Lélia Gonzalez, Franz Fanon, bell hooks, Audre Lorde, Zora Hurston, dentre outras.

A seguir, me defino, e abro espaço para que meus parceiros e parceiras deste texto também falem por eles, sem grandes intervenções de minha parte. A pergunta que fiz, ao tentar incentivar o processo foi simples, "*quais são as coisas que lhe definem?*" Apresento essa proposta instigado pelo modo como Zora Hurston (2021) abre amplo espaço em sua etnografia às falas de Kossola.

— Mas, Kossula, eu quero ouvir sobre você e como você vivia na África. Ele me lançou um olhar de desdém e pena e perguntou:

— Onde é a casa onde o rato é o líder? No solo da África eu num pode contar pra você do filho antes de contar do pai; e, por isso, você m'entende, eu num pode falar do homem que é pai (et te) ante' de contá pra você do homem que é pai dele (et, te, te, avô), é isso mesmo, num é? (Hurston, 2021, p. X).

Se, imagino que o *Negrê* é produto, filho de uma imaginação negra coletiva e heterogênea entre si, sustento-me no trecho acima para dizer que, falar de quem sustenta a casa é tão importante quanto falar sobre como a casa abriga e protege à quem precisa (Hurston, 2021). Novamente, o *Negrê* não se faz por si só. Sem dúvida, considerar esse aspecto proverbial da fala de Kossola é parte de um empreendimento ancestral.

3.2.2 Minha Voz (Tomaz)

Sou filho de Maria Marlene, sobrinho de Marilene e neto de Maria das Graças. Sou, assim como tantos e tantas outras, filho de meu avô. Fui orador da formatura de minha turma do “ABC”. Uma baita criança prodígio. Nunca fui de sair na rua, afinal, como disse antes, não queria ser notícia. Vivi “lá e cá”, de seio em seio, como o tipo de menino a quem a mãe biológica não queria a princípio. Por isso, sou filho de três mães. Já fiz bordado, descasquei cobre para vender no quilo, já desejei não ser negro. Não deu muito certo.

Não sei se “cola” esse papo de se descobrir negro só “depois”. Escuto histórias tristes e belas sobre uma tal jornada de auto descobrimento racial quanto a negritude que me fazem retroagir ao passado. Penso que isso ocorre quando um menino pede a Deus para acordar branco no outro dia. Eu, quando criança, não via tantos motivos para me orgulhar de ser negro, pobre e favelado. Os jornais da vizinhança, vulgo “fofoqueiros de plantão”, já davam a notícia nos arredores, e não omitiam suas sentenças prontas. “Fulano morreu, mas porque não prestava”. Por óbvio, o fulano era preto.

Comigo foi assim, a “urubuzada das notícias” estavam tanto em tela, na TV de tubo da casa da minha avó, quanto na casa ao lado. Como que um menino não deseja ser branco desse jeito? E assim as coisas seguiram, bem às margens do rio Maranguapinho, no Conjunto São Francisco. Fui menino na beira de um rio que corria atrás da casa de minha vó. A rede de dormir na sala e a TV de tubo dos meus avós eram meu lugar preferido. Por vezes, a escrita de criança, recém aprendida, se confundia com a de um dramaturgo, capaz de criar mundos.

Certa vez, numa reunião, confessei à minha orientadora, Denise, que temia não saber escrever conforme à gramática ideal, mas ela, sem tantos rodeios, me falou algo como, *“ninguém domina totalmente, são os brancos que inventam que sabem”*. Acho que é por aí. Minha escrita é definidora de minha jornada, porque através dela encontrei minha negritude. Através da escrita de outros autores e autoras negras, em especial, jornalistas de mídias negras, me aproximei de questões relacionadas à racialização de maneira mais sólida.

Estaria mentindo se dissesse que minha estadia no curso de Ciências Sociais na UFC me propiciou conhecimentos amplos sobre as relações raciais. A verdade é que, apenas através do projeto “Marielle Vive”¹⁷, me aproximei de outras leituras sobre raça, em especial a

¹⁷ Marielle Vive! Significados simbólicos em torno da imagem da vereadora assassinada: Marielle Franco tornou-se um símbolo internacional de lutas contra o racismo, a violência policial e o feminicídio após o seu assassinato em 14 de março de 2018. Sua morte foi alvo de protestos nas ruas das grandes cidades de todo o mundo e foi mais citada nas redes sociais mundiais do que o próprio impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Vereadora eleita pelo PSOL no Rio de Janeiro, até então conhecida de forma mais restrita por suas

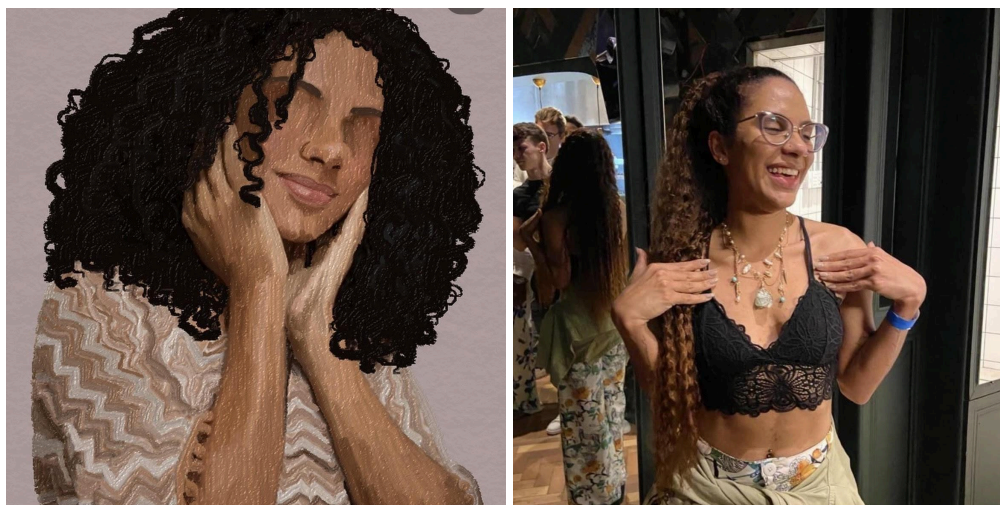
partir de *A Máscara*, de Grada Kilomba, primeira leitura sugerida a mim pela Profa. Dra. Geísa, coordenadora do projeto. Assim, sob orientação da mesma, produzi minha monografia, cujo jornalismo negro foi lastro às considerações e cobertura sobre o “cancelamento” da rapper Karol Conká. Para além da teoria, o jornalismo esteve ligado à minha jornada enquanto graduando.

3.2.3 A voz de Larissa Carvalho

Eu acho que uma das coisas que mais me define e que me torna Larissa, que me faz ir de encontro a quem eu sou e me encontrar na vida, é a ancestralidade. Claro que isso não é um processo que está totalmente fechado, inacabado, eu acho que eu vou morrer e não vou ter me encontrado totalmente. Porém, um dos pontos principais é a ancestralidade, ter esse contato com a ancestralidade, porque ela me faz ver quem eu sou, de onde eu vim geneticamente falando, geograficamente falando, continentalmente, espiritualmente, emocionalmente falando, socialmente falando. Então, a ancestralidade é um dos principais pontos que fazem eu ser quem eu sou.

lutas contra as violações de direitos humanos nas favelas cariocas, e por sua atuação junto ao movimento feminista e LGBT, sua imagem foi amplificada após ser assassinada, pelas identificações estabelecidas com coletivos feministas de mulheres negras em todo o mundo. Ao mesmo tempo, após um ano de sua morte, sua imagem vem sendo permanentemente atacada por grupos de ultra direita do País. A pesquisa consiste em investigar os significados simbólicos da figura de Marielle Franco e os motivos pelos quais, mesmo depois de morta, ela segue sendo representada como símbolo de resistência para os movimentos negros e feministas, como aconteceu no desfile vencedor da escola de samba Mangueira em 2019, bem como o porquê de ela ser continuamente atacada por pessoas e organizações de extrema-direita nas redes sociais, que buscam assassiná-la moralmente, mesmo tendo ela sido vítima de um ataque que lhe tirou a vida. Linha de pesquisa: Cultura, política e conflitos sociais.

4. **Figura:** Fotos de Larissa.



Fonte: extraídas do Instagram de Larissa.

Escrever o que eu escrevo, não só no jornalismo, que é uma escrita mais técnica, profissional, mas também na literatura, como pessoa que faz poesia, como é coisa de sensibilidade. Então, essa sou eu, uma mulher negra. Talvez poderia dizer que eu sou uma mulher africana em diáspora, que não nasceu aqui. Enfim, ou eu posso dizer que eu sou uma mulher amefricana¹⁸ também, que é um debate que me interessa. Também poderia até me considerar mulherista africana, mas tem questões aí com relação ao mulherismo, assim como em relação ao feminismo negro.

¹⁸ “[...] especialmente do livro Améfrica ladina, de MD Magno, Lélia formulou a ideia de uma América africana ou Amefricana (Gonzalez, 1983; 1988), baseada na concepção de que uma das singularidades do continente residia, em grande parte, na participação africana na sua formação cultural e social - e não na reiterada evocação de uma latinidade”. (RATTS, 2010, p. 62).

5. **Figura:** Larissa quando criança



Fonte: extraída do Instagram de Larissa.

No fim, a ancestralidade é um dos pontos que mais me define, que me faz ser quem eu sou, tanto na literatura como no jornalismo, que me ajudam a entender o meu lugar no mundo, o meu propósito de vida, o meu compromisso com a sociedade. Aliás, meus tios já falavam que eu seria jornalista por falar demais e ser muito amostrada.

Eu entrego isso para o mundo, o que eu espero mudar um pouco, o que eu acho que eu deveria fazer pelas pessoas. E as pessoas negras, a comunidade negra, a população negra são as pessoas que me interessam. Então, tudo está ligado à ancestralidade, a ser quem sou. Nem sempre eu me entendia como negra, mas eu sabia que eu era. Eu sabia que eu tinha uma história muito mais funda e ancestral do que eu imaginava. Quando eu me dei conta disso, quando eu me assumi negra aos 18 anos na faculdade, parei de alisar o cabelo. Essas coisas foram vindo e eu fui buscando também mediante leitura, das conexões. Inclusive vim pra África é uma forma de me conectar com tudo isso.

*Quando eu estava no segundo semestre da faculdade, entrei em contato com uma professora que trabalha com questões raciais, professora branca. Ela tinha um grupo de pesquisa sobre indígenas na UNIFOR, e quando eu entrei no grupo dela, ela estava propondo estudar o negro. Lemos Frantz Fanon, em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, Paul Gilroy, em *Atlântico Negro*, e liamos até Lília Schwarcz. Eu sempre pontuo isso, porque a gente lia homens negros e mulheres brancas. Eu fui ler mulheres negras no último ano da faculdade, praticamente, a partir disso a gente vê como são as coisas.*

Procurar pelas religiões de matriz africanas nos últimos anos tem sido uma das formas, minhas formas de me conectar com essa espiritualidade que me foi tirada, negada, mas não tenho planos de me iniciar em nenhuma, nem no Candomblé, nem na Umbanda. Acho que fazer parte tem a ver com uma disciplina e um compromisso que eu não consigo ter diante do meu estilo de vida, de viajar, por exemplo. Além disso, após ter me visto como negra, também tive contato com as danças africanas.

3.2.4 A voz de Paulo Gonzaga

Eu acho que o que me constitui enquanto sujeito mesmo nesse contexto da negritude, das relações étnico-raciais, sem dúvida foram as minhas experiências de vida. A partir de um olhar que eu fui construindo durante a minha trajetória, levando em consideração os espaços que eu ocupei, os espaços que eu transitei, os espaços que eu compartilhei, as atividades que eu me prestei a estar, a trocar, compartilhar.

6. **Figura:** Fotos de Paulo.

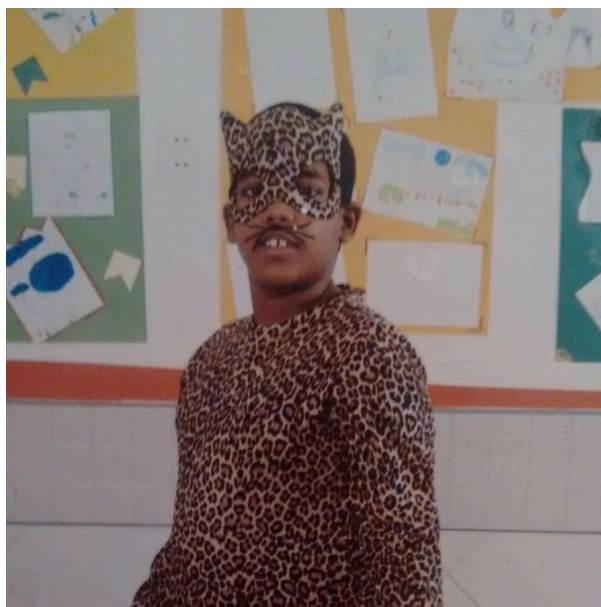


Fonte: enviadas pelo próprio Paulo via Whatsapp.

Então, tem algo meu também, de uma leitura sempre crítica sobre o mundo. Então, eu lembro que minha mãe falou quando era pequeno. Eu escolhi uma camisa rosa e ela não... Ela falou, meu filho, você tem certeza que você quer a camisa dessa cor? Aí eu falei, por que homem não pode usar rosa? Menino não pode usar rosa? Né? Então, de uma certa forma, eu acho que eu já tinha... Uma leitura muito questionadora sobre o mundo, né? Por que as

peessoas me olham dessa forma? Por que eu vejo mais pessoas negras servindo do que curtindo locais que são relativamente caros? Porque a maioria das pessoas que trabalham em campos... de trabalho que exige o braçal, são pessoas negras.

7. **Figura:** Paulo (criança) bem oncinha.



Fonte: enviadas pelo próprio Paulo via Whatsapp.

Então, essas leituras me fizeram construir, eu acho, esse lugar crítico de questionamento sobre essas questões. Depois do movimento estudantil, que foi extremamente importante para mim, depois do movimento sindical, dentro do campo da psicologia. Participei, barra participo, de um quilombo educacional. Então, acho que atividades no assentamento do MST, atividades em saúde, eu acho que todos esses processos, né, diálogos com outras pessoas, sabe, pessoas que me orientaram, que trocaram ideia comigo, eu acho que... Todas essas questões, todas essas histórias contadas, trocadas e vividas me constituem hoje. E são coisas que me movem na minha escrita, nos meus textos, nas minhas reflexões.

É uma sensação eterna, assim, de questionar, sabe? De refletir, de não tomar como natural certas atitudes, certos movimentos, certos discursos. E principalmente construir uma história e um pensamento a partir da primeira pessoa. Ou seja, construir, me colocar na ponta do lápis, como escritor mesmo da minha história, do que eu pensei, do que eu vivi, das questões que me atravessam. Então esse aspecto também me move bastante, eu poder contar a minha história, não deixar que outros contem como é que foi para mim, como deve ser para o homem negro.

Numa outra motivação também, essa mais recente, quando eu começo a escrever, é o quanto isso impacta na vida das outras pessoas. O quanto a minha fala, a minha escrita, as minhas reflexões, elas impactam na vida das pessoas. E as pessoas vêm falar comigo sobre isso, sabe? Vêm trocar uma ideia sobre isso. Vem agradecer, vem falar, poxa, eu recebi uma vez uma mensagem assim, poxa, comecei a ler seu texto sobre manipulação masculina e tal, e os textos me deram forças para eu sair de um relacionamento abusivo, sabe? E isso para mim foi muito importante, foi muito incrível perceber que aquela minha escrita tocou na pessoa de uma forma. Em que encorajou de uma certa forma, deu uma borda de algum jeito, para a pessoa fazer um rompimento dentro de um relacionamento que não estava a fazer bem. Então, é isso, acho que são essas coisas que me movem, essas coisas que me constituem.

3.2.5 A voz de Karoline Tavares

Eu estava pensando aqui sobre o que me constitui, como me definir. Isso é uma coisa que eu tenho uma certa dificuldade até mesmo para me apresentar. Porque normalmente quando muitas pessoas se apresentam e eu sou uma delas, eu normalmente falo, ah, eu sou tal coisa, e esta tal coisa seria minha profissão. Sendo que é muito bizarro pensar que o que mais me define é a minha profissão, assim, né, o que eu tomo como característica principal de apresentação é a minha profissão, que, na verdade, nem é profissão, né? Porque eu não trabalho na minha área.

8. **Figura:** Fotos de Karoline.

Fonte: extraída do Instagram de Karoline.

Eu me formei em jornalismo, mas não atuo na minha área faz o quê? Mais de dois anos, né? Assim, faço um trabalho ou outro, mas, enfim, o meu trabalho principal não tem nada a ver com comunicação com jornalismo. Rebobinei um pouco a fita da minha vida e eu estava pensando aqui sobre a relação com o jornalismo, que você falou antes na nossa conversa.

Eu lembro que eu decidi que eu queria fazer jornalismo quando eu tinha 14 anos. Eu estava no primeiro ano de ensino médio e aí eu até então queria fazer medicina, mas não era uma vontade forte, sabe? Não era aquilo que eu diria, meu Deus, é isso, é o sonho da minha vida. Enfim, não era isso. Até porque, como dizer qual o sonho da sua vida quando você tem 13, 14 anos, né? Meio que impossível. Mas quando eu tinha 14 anos eu estava assistindo uma matéria investigativa, não lembro agora onde exatamente. E eu achei super interessante, eu fiquei, nossa, isso deve ser muito legal, porque era uma comunidade bem pobre e aí a política estava meio que consumindo, na verdade, os políticos, as pessoas. Estavam consumindo os direitos daquela população, de ter água, de ter energia elétrica, de ter esgoto. E aí era uma situação muito difícil, muito precária que elas viviam.

Essa reportagem mostrou um pouco sobre isso e foi cobrada às autoridades, né? O que fazer, enfim, era uma coisa bem detalhada, bem investigativa, e eu achei aquilo muito interessante, muito legal. Nossa, isso é muito bom, porque a gente está ajudando, né? O jornalismo nesse segmento, ele ajuda essas pessoas, ele pode ajudar essas pessoas a reclamar, já que muitas vezes, na grande maioria das vezes, elas são ignoradas pelos governantes. Então, pelo menos, chamar atenção para o que estava acontecendo ali foi algo

que me tocou bastante, em um ponto em que eu nunca tinha pensado antes.

Sempre fui muito de humanas, da área de humanas, sempre me dei muito bem com português, com história, com geografia, e sempre fui péssima em exatas, em todas, praticamente. Então, não sei o que raios eu queria fazer em medicina. Foi a partir daquele momento que decidi e comecei a alimentar em mim a vontade de ser jornalista, de querer fazer jornalismo. E desde então eu coloquei na minha cabeça que eu queria jornalismo, até que fiz o vestibular. Passei de primeira! E fui para a UFC fazer jornalismo, entrei em 2015, ainda menor de idade.

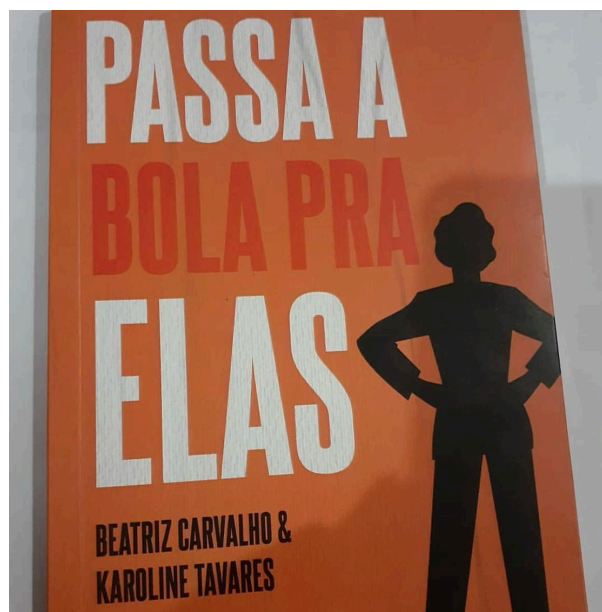
Só que aí dentro da universidade eu me descobri uma grande apaixonada pelo jornalismo esportivo, né? Porque eram duas coisas que eu gostava. Eu não entrei na universidade pensando em jornalismo esportivo, não entrei, mas eu sempre gostei de esporte. Faz mais ou menos uns 14 anos, 14 não, é, 14 anos que eu acompanho futebol, que eu depois de um tempo passei a acompanhar outros esportes também. Gosto de automobilismo, é o que, assim, amo, amo automobilismo e amo basquete. Já perdi muito o meu amor pelo futebol ao longo dos anos. Muito mais relacionado à profissão em si do que ao próprio esporte.

Fiz uma disciplina de jornalismo esportivo, que na época era optativa, não sei como está hoje. O jornalismo esportivo aqui no Ceará, basicamente, é só futebol e futebol. Ceará e Fortaleza¹⁹, futebol masculino. Então, a gente queria fugir um pouco disso. E aí foi muito legal, foi uma experiência incrível. E, a partir daquilo ali, eu fiquei com duas pontinhas. A vontade de trabalhar com jornalismo esportivo, quando eu me formasse, e também a vontade de trabalhar, fazer um TCC que fosse voltado ao esporte, que também envolvesse mulheres, mulheres no esporte.

E aí fiz o TCC, escrevi o livro, defendi, aprovei e depois publiquei o livro, que também é uma parte muito importante de mim. Eu tive muitos problemas com jornalismo, muitos mesmo, ao longo da minha vida, pós-faculdade. Ao longo da faculdade foi tudo muito bom, foi tudo incrível. E a experiência da faculdade foi uma das melhores coisas da minha vida. Porém, o pós é muito complicado porque o mercado é muito inchado.

¹⁹ Os dois maiores clubes de futebol do Estado, adversários cujo confronto é conhecido como clássico rei e é um dos confrontos futebolísticos mais famosos do país.

9. **Figura:** Livro de Karol: *Passa a bola pra elas*.



Fonte: extraída do Instagram de Karol.

Sou jornalista, mas não trabalho com comunicação. Eu saí completamente da minha área, porque inicialmente eu trabalhava com marketing, só que acabou que eu saí do marketing e fiquei em outra função que não tem nada a ver com o meu diploma. Nada a ver com o que eu passei quatro anos e meio estudando para ser. Então, isso também esbarra nas oportunidades escassas. As oportunidades aparecem e existem, mas você tem que estar muito bem colocado no mercado e se sentir bem colocado. Então, eu fui me desmotivando muito e me frustrando muito com o jornalismo depois de formada. Então, hoje em dia, eu realmente não tenho nenhuma afinidade.

Com o jornalismo, gostei muito, foi muito bom enquanto durou, mas hoje é algo muito distante da minha realidade e é algo que eu honestamente não sei se eu voltaria atrás para voltar a trabalhar e tudo. Nisso, voltar a trabalhar 100%, um trabalho que seja jornalismo. Eu acredito que as minhas boas memórias do jornalismo ficaram mesmo com a faculdade e com o livro. O livro que eu fiz como TCC foi algo que ficou muito marcado para mim, porque é um dos grandes motivos que não me fazem pensar que ter feito jornalismo foi completamente em vão, sabe? Porque o trabalho foi muito, muito longo. Muito complicado os contatos, tudo, até te contei isso antes, né? Mas, assim, é algo que me enche de orgulho, sabe? Ter esse livro.

Não só por ter escrito o livro, mas porque o livro, ele tem... Todo livro é para ter algo

a acrescentar à vida de alguém, é para ter histórias interessantes que ou não foram contadas antes ou ficaram esquecidas no tempo. Então, eu tive a oportunidade de fazer durante a faculdade. Talvez, se não tivesse feito a faculdade, eu jamais teria escrito um livro, quem dirá esse livro especificamente. Então, o Passa Bola para Elas ficou muito no meu coração, como o maior presente da faculdade de jornalismo.

3.2.6 A voz de Dhara Amorim

Então, eu me chamo Dara Melo Amorim, mas eu assino como Dara Amorim. E eu inicio falando sobre isso tendo um insight da minha infância. De como eu não sentia exatamente um pertencimento e uma aceitação vinda de nenhuma parte. Tipo, nem física, nem o nome, sei lá. E aí eu passei a usar o Dara Amorim porque tinha outra menina na minha sala que usava, e eu pensei, tipo... Se fica bonito no dela, então vai ficar bonito, mas aceitável no meu nome. Então eu comecei a tirar esse nome do meio, o Melo, da minha mãe, e fiquei só com a Amorim. E, coincidentemente, a Amorim é a raiz mais negra que eu tenho, né? Enfim, eu, ainda que seja uma negra de pele clara, eu me sentia muito uma neguinha quando eu era mais nova, principalmente porque eu sempre cresci em colégios particulares, mulheres amigas brancas, que sempre tinham mais sucesso com os meninos e com interatividades sociais, né? Mais do que eu, então eu meio que tive que me reinventar e tentar me destacar de outras formas.

10. **Figura:** Fotos de Dhara.



Fonte: Enviadas pela própria Dhara via Whatsapp.

Eu sempre era engraçada, né? Eu nunca era assim, a mais bonita ou mais inteligente. Eu sempre me destaquei por isso, e acho que também por isso eu fui puxada para a comunicação, né? Por esse carisma, essa minha habilidade de conversar e de, enfim... Então, acho que esse é um traço da minha infância sobre como o racismo me manipulou de uma forma que eu demorasse a entender exatamente quem eu era, o que eu gostava. Quando eu era mais nova, eu também ia muito nas modinhas do que vestiam e do que escutavam, tipo Justin Bieber e Taylor Swift, e eu achava que em algum momento na minha vida algo parecido com que aconteceu com a Taylor Swift em relação a romance e tudo mais aconteceria comigo, sei lá, tipo muito ligada a padrões. Então, durante muito tempo da minha vida, a minha autoestima foi extremamente baixa.

Então, a construção da minha autoestima, ela foi uma das dificuldades que eu ainda enfrento até hoje, né? Porque não é porque eu adquiri consciência racial que, do nada, eu passo até autoestima, até porque autoestima não tem a ver só com beleza. Meu primeiro e único namoro aconteceu inclusive por causa do racismo. Eu via todas as minhas amigas perdendo o BVL (boca virgem de língua), perdendo a virgindade, e eu era sempre a que ficava para trás, né? Tanto que eu fui a última a perder o BVL, e tenho a impressão de que foi com o primeiro que quis. Do mesmo jeito foi meu namoro e também a... Quando eu perdi a minha virgindade, tá? Porque eu lembro de ter uma sensação de... Nossa, eu não acredito que esse cara tá a fim de mim. Quer ficar comigo. Sendo que ele não era nada demais. Ele era só um cara branco padrão. E na minha cabeça era lindo e tudo mais. Foram três anos de um relacionamento super tóxico. Onde eu tinha que me moldar. Então, isso também se interliga com o meu processo de despertar para a minha consciência racial, porque o meu relacionamento com ele foi de 2016 a 2020. Eu também fiquei com depressão, tá? Porque eu ficava muito insegura, muito ansiosa por causa dele. Ele me causou vários problemas.

Em 2020, eu... Entrou a pandemia, né? E eu lembro que nessa época tava tendo o Big Brother Brasil, o BBB, e o Babu tava nessa edição. Foi, inclusive, a edição que eu mais assisti, enfim, me dediquei. Beleza. Naquela época eu estava tendo vários debates online sobre as polêmicas de racismo que estavam fazendo com o Babu lá dentro. E foi a época que eu mais acompanhei, então eu comecei a ler sobre debates raciais. E eu comecei a me identificar com certos debates, entendeu? Eu lia muito no Twitter, e aí eu sentia pelo Babu. Não só por ele, mas pelos outros participantes, mas principalmente por ele. Porque eu lembro que na época eram umas coisas assim muito nada a ver que faziam com ele. Enfim, e aí eu com esse meu namorado da época queria comentar, né? Óbvio. E a gente sempre tinha uns

embates. Por quê, né? Ele é branco. Apesar dele ser pobre, coisa que ela sempre colocava, né? “Mas eu não tenho privilégios”. Sempre me incomodava, e sempre quando eu tentava falar alguma coisa com ele, ele me chamava de militante, e eu acho que essa foi uma das coisas, inclusive, que fez eu desapegar dele, e aí eu acabei terminando com ele. Em 2020 eu consegui terminar com ele, e eu fui muito feliz, né? Também comecei a minha transição capilar, enfim, esse foi o meu grande despertar para a consciência racial. Eu estava finalmente me vendo como uma mulher negra, eu estava percebendo a sociedade de outro jeito, e também o jornalismo e a universidade.

E assim, eu acho que o que faz comunicadora é essa minha vontade de positivar narrativas da negritude, não só da negritude coletiva, mas da minha negritude individual. Quando eu comecei a me entender como uma pessoa negra, eu comecei a revisitar o meu passado e a me perdoar. Eu não me senti bonita, não me senti suficiente e a partir do momento que eu me entendi enquanto pessoa negra, eu comecei a mudar essas narrativas de mim mesma. Quando eu comecei a mudar, ainda que na minha cabeça, a narrativa sobre mim mesma, eu comecei a me interessar por histórias, que muitas vezes elas não são passadas de forma digna e correta, né? Como, por exemplo, acho que a primeira vez que eu senti que eu realmente queria fazer algo, era cobrir o Festival Negruras. E eu não consegui porque foi barrado no Newslink, que é a plataforma de notícias daqui. Porque na época eu queria acompanhar, e aí eu ia produzir uma matéria. Sendo que tem algo no jornalismo que eu odeio, que é o time. Tipo, se algo aconteceu dia 20 de novembro, você só pode, no máximo, publicar dia 21 de novembro. E eu nunca fui assim. Eu sempre precisei de um tempo pra organizar o que eu queria passar, e estruturar, e entregar.

11. **Figura:** Dhara bem de negócios.



Fonte: Enviadas pela própria Dhara via Whatsapp.

Quando eu entrei na TV Unifor, como estagiária, eu conheci a Larissa. Eu fiquei encantada porque ela era uma mulher negra em posição de liderança e eu nunca tinha visto. E aí eu conheci ela, conheci o Negrê. Ela não chegou a ser a minha coordenadora, porque ela era do núcleo de jornalismo e eu entrei no núcleo das redes sociais. E aí me aproximei dela e chegou um momento que eu falei, “Larissa, se tu quiser eu posso fazer alguma coisa para o Negrê, posso colaborar”, aí ela respondeu, “é? Pois tá bom!” Nisso eu fui acompanhar a mostra Ocã, do Coletivo Negrada, que é uma comunidade também de artistas. Eu cobri essa mostra e também foi assim, outra perspectiva, outras ideias. Foi a primeira publicação que eu fiz para o Negrê. Falei muito sobre essa filosofia espiralar de tudo que acontece é movido pelo que já passou, alguma coisa nesse sentido. E faz muito tempo, não sei exatamente mais. Aí depois eu cobri o festival Viver de Pirambu, foi um atrás do outro, inclusive, eu não sei porque que fui fazer isso. Pra tu ver como é violento também esse timing. Porque eu fui pra essa amostra da Ocã. Eu virei à noite fazendo a matéria. Porque no outro dia eu queria cobrir o Viver de Pirambu. E eu tinha que já ter coisas prontas. Então, foi algo que eu nunca mais me propus a fazer. É uma situação de trabalho insalubre você ter que fazer isso. Então é algo que eu não vou ceder ao jornalismo. Jornalismo, “você trabalha para mim, não sou eu que trabalho para você.”

4. A COMUNICAÇÃO COMO SISTEMA DE EXISTÊNCIA, RESISTÊNCIA E COEXISTÊNCIA.

Com a comunicação se constituindo como objeto de experiência, conforme notamos no capítulo anterior a partir das vozes de Larissa, Paulo, Karoline e Dhara, é importante tensioná-la como objeto de reflexão. Em várias medidas, a comunicação como conceito encarna-se na noção prática de troca de mensagens em seus significados distintos entre duas ou mais pessoas. Por óbvio, este é um caminho normativo menos complexos. A antropologia da comunicação, mediante vários estudos, encara a comunicação como uma relação que ganha significado mediante a cultura em que ela se manifesta, conforme podemos presumir com Edmund Leach (1978). Segundo o autor, o modo como nos comunicamos varia conforme associamos os significados dos distintos códigos comunicacionais, ou seja, o sentido de um gesto pode não ser o mesmo de uma cultura para outra. Esse seria um pilar para o entendimento das relações entre os estudos antropológicos e a comunicação.

Embora os pressupostos de Leach apresentem considerável valor, outros pensadores valorizariam explicações menos atreladas aos homens e a suas culturas quanto aos processos de comunicação. De um ponto de vista mais experimental, poderíamos pensar nas relações de comunicação como organizadoras e ordenadoras da vida, e até, da não vida, dos sistemas inorgânicos. Uma articulação interessante para pensar na reciprocidade e no circuito de informações que garantem a consolidação do funcionamento fisiológico de um organismo multicelular qualquer é imaginar como os sistemas de comunicação o garantem.

Cada organismo é em si mesmo um desses sistemas. Nos mais complexos, bilhões e bilhões de células devem-se organizar em relações recíprocas. É preciso controlar as reações bioquímicas no interior das paredes celulares, de modo a reter as substâncias úteis e eliminar as indesejáveis. É necessário, além disso, que o organismo disponha de órgãos aptos a recolher informações sobre o mundo exterior, confrontando-as com dados disponíveis sobre os estados do próprio corpo. Mesmo nas formas de vida que os biólogos consideram menos evoluídas, pode-se constatar a existência das bases de um sistema de comunicação: emissão de sinais interna e externamente, recepção, tratamento e avaliação de informações, transformação de informação em ação... (Rodrigues, 2008, p. 20).

Encarar a comunicação desse modo não é nem um pouco determinista, pelo contrário, a ilustração da comunicação como lastro à vida é fundamental para compreendermos seus circuitos como modos de sustentação recíproca, muito embora não podemos dizer que seu conceito numa era moderna seja elaborado para crer nisso. A comunicação é o modo pelo

qual um ecossistema se mantém como tal, onde seus grupos e indivíduos, possuem capacidade de processamento dos sinais ao redor para garantirem um ritmo de coexistência, entre coisas vivas e não vivas. Vegetação, solo, atmosfera, dentre outros elementos, comunicam-se entre si para a manutenção dos ecossistemas.

Antonio Bispo dos Santos (2023), mestre, autor e ativista quilombola, encaparia a palavra “compartilhamento” para dar conta dessas necessárias intercomunicações que sustentam um meio, incluindo-se nesta soma. O autor exemplifica que o dia, por meio do Sol, o comunica onde construir casas em sua comunidade, a fim de lidar adequadamente com luz e sombra. Nisso, a organicidade e a inorganicidade são fatores comunicantes entre si e consigo mesmas, garantindo a fundamentação e o funcionamento de diversos sistemas de vida. Além disso, num sentido sagrado, *Exu* advoga pela comunicação como trânsito, levando e trazendo, sendo mensageiro.

É preciso entender que *Exu* é o primeiro ser criado. Ele é filho do pai e da mãe, dos princípios universais masculino e feminino. Mas esses princípios universais - o mar e o ar, *Olodumare* e *Ododua*, *Oxalá* e *Iemanjá* e assim por diante, de acordo com a concepção - já estão no mundo mesmo antes de haver o mundo. São, por isso mesmo, princípios. Já *Exu*, é filho. É o elemento gerado. O terceiro que possui em si os dois princípios universais do masculino e do feminino. Por isso ele é andrógino. Sobretudo, é aquele que faz o elo entre a vida divina e primordial do princípio e a vida dos seres que passaram a habitar o mundo. Nesse sentido, quando *Exu* come e vomita os seres, infunde neles a centelha divina de que ele é fruto, os anima com a força dinâmica dos princípios universais, a força divina primordial. Dito de outro modo, no "presente reminiscente" está o "passado anacrônico". Com isso, ele transita facilmente entre passado, presente e futuro; é a um só tempo ancião, adulto e criança. E mais, *Exu* é o canal, o transmissor, a mensagem, o código, o trânsito. É o fluxo da comunicação entre um e outro, o sopro da memória que reúne passado e presente, o sopro do ciclo da vida que reúne ancestralidade e descendência. (Dravet, 2015, p. 18-19).

Nessa complexidade de considerações sobre o ato de comunicar, o sagrado trânsito de *Exu*, nos mostra que a comunicação vai para além do funcionamento da existência de um presente, é leva e traz, entre tempos diferentes, é a possibilidade de lembrar, de olharmos para um futuro cujos problemas do passado podem ser encarados e nossa força ancestral resgatada. Isso nos remete a um processo muito mais amplo do que a primeira definição normativa posta neste texto. Temos uma comunicação cujos gestos são interpretativamente distintos de cultura a cultura, ao mesmo tempo, operando como circuito de funcionamento orgânico e inorgânico, em sistemas de partilha. Acrescento que, não seria precipitado dizer que comunicar é uma tentativa de existir e coexistir, e, em especial à negritude e povos indígenas, resistir.

4.1 A comunicação Negra: recondicionamentos e outros problemas

A comunicação de mídia, o jornalismo, são apenas uma das várias táticas ancestrais de sobrevivência e coexistência num mundo colonial. Digo, os vários modos de circulação de informação em seus distintos códigos demarcam períodos anteriores aos primeiros folhetins negros no Brasil. “*O Homem de Cor*”, jornal inaugurado em 1833, quase 30 anos após a criação do “*A Gazeta do Rio de Janeiro*”, primeiro jornal do Brasil, foi pioneiro quanto às questões negras, porém não inaugurou o modo como denunciemos as cruéis condições de vida de negros no Brasil. A grafia jornalística, o texto impresso, é só um dos modos com que a comunicação pode ser conduzida num contexto de progresso informacional no Brasil iniciado no século XIX.

Afirmo que a população negra não precisou necessariamente da linguagem jornalística impressa para falar sobre si, uma vez que já dispunha de uma série de ferramentas linguísticas capazes de circular informações de maneira eficaz, mas foi preciso apreender essas ferramentas, dar conta de existir e resistir num sistema colonial implicado nos sistemas modernos de comunicação, para buscar sobrevivência e integração mínima. O “pulo do gato” nessas circunstâncias é saber balizar as principais forças pelas quais o colonialismo se estrutura. Santos (2023), afirma que a linguagem é o principal modo de adestramento do colonialismo, portanto, seria necessário a adestrarmos sob nossos termos para nos contrapormos a seus sistemas de opressão e dominação.

Instrumentos como Jongo, dança sagrada e movimento de povos Bantu, de Congo e Angola, trazido no forçado trânsito transatlântico ao Brasil, especificamente à região sudeste, se configurava como uma ferramenta de informações codificadas numa “linguagem difusa”, a fim de ser incompreendida pelo colonizador. Isso constituía um circuito secreto de informações. Vez ou outra, nos dias de festa a santos católicos, os senhores permitiam a festividade em roda do Jongo aos cativos, como modo de aliviar e “ritmar” ao trabalho ou como opção de lazer à elite colonial (Gonçalves; Ribeiro, 2022). Nesse aspecto, o ritmo conta com dois elementos fundamentais, os tambores e as danças, tendo, ainda, um terceiro fator crucial, os pontos.

[...] os pontos, podem ser considerados uma fonte inesgotável de pesquisa e análise. São versos entoados pelos jongueiros de forma encadeada, sendo imprescindível abrir a roda para prestar homenagem aos antepassados e para pedir permissão e bênçãos aos ancestrais, estejam eles vivos ou mortos; há pontos para entrar ou sair da roda e para encerrar a prática, e outros tantos que são como crônicas que

vinculam o passado e o presente, cantados com irreverência, além das provocações entre jongueiros para testar as suas habilidades de decifrar o que não pode ser dito às claras, como no tempo das senzalas. (Gonçalves; Ribeiro, 2022, p. 189).

Ora, se a socialização e a comunicação eram condenadas e reprimidas, outros modos de se comunicar tornaram-se a saída para fugas, diálogos e denúncias a respeito dos senhores. Nesse entremeio, o modo radical de adaptação frente às bruscas mudanças por meio do Jongo demonstra, sobretudo, dois aspectos mais fortemente expressos neste cenário colonial: primeiro, a nítida capacidade de reposicionamento tático e existencial da negritude cativa ao aprimorar códigos ancestrais diante de um cenário brutal; em segundo lugar, a capacidade do colonizador em subestimar colonizado. Esse exemplo apenas ilustra o quanto a comunicação negra percorre caminhos mais complexos do que aqueles que partem da apropriação de grafias outras, como no exemplo da imprensa.

Entretanto, o pioneirismo de sujeitos negros quanto à apropriação das tecnologias de imprensa em favor de pautas raciais foi aspecto fundamental diante da necessidade de sobrevivência das populações negras no Brasil. O comunicólogo e antropólogo, Bruno Brito (2022), em sua dissertação de mestrado, enfatiza o papel fundamental da imprensa negra, em especial, sudestina, em denúncias às violências e às más condições de vida das populações negras. Por outro lado, não podemos especular quanto à real eficácia da circulação de informações do jornalismo impresso entre as diversas camadas da população negra da época, à medida que, conforme o primeiro censo realizado no Brasil, em 1940, apenas 56% da população negra era alfabetizada. Podemos supor que durante o século XIX, esse percentual era ainda menor.

Desse modo, temos um impasse, pois, se assumirmos que o jornalismo impresso foi um marco divisor de águas ao modo como nos comunicamos enquanto negritude, não podemos perder de vista que, a um extenso grupo, esse marco foi negado, fator que não apaga a importância secular do jornalismo negro, mas nos faz pensar sobre seus itinerários. Em grande medida, as informações circulantes dessas plataformas foram um instrumento contra-hegemônico e exercício de intelectualidades, reprimidas conforme nos intui Brito (2022). Isso, no entanto, não se deu de modo homogêneo ou equânime às populações negras pelo Brasil, uma vez que a grande maioria de veículos do gênero consolidaram-se na região Sudeste e Sul, conforme observamos em levantamentos de Araújo (2021) e Pinto (2010).

A única plataforma jornalística negra e nordestina identificada frente aos levantamentos de Araújo (2021) e Pinto (2010) foi “O Homem: Realidade Constitucional”, de

1876, em Recife-PE. Podemos imaginar que o Nordeste esteve, por muito tempo, sub-representado quanto ao conjunto de mídias impressas pelo país entre os séculos XIX e XX. Em seminário ao canal do Youtube²⁰ do jornal *Notícia Preta*²¹, Alane Reis, mestra em comunicação e colaboradora do *Revista Afirmativa*²², destaca um panorama histórico cuja mídia impressa negra consolidou-se principalmente a partir de associações de homens negros, no que diz respeito à região sudeste.

O historiador Petrônio Domingues (2018) destaca a atuação de uma dessas associações, a Federação do Homem de Cor, ou FHC, reunindo diversos homens negros entusiasmados pela visibilidade e participação republicana no país. A FHC foi a responsável pelo jornal “*A Federação*”, tendo enaltecido narrativas como o da descoberta do Brasil e as leis abolicionistas, prezando por uma imagem integrada aos ideais de nação, prezando por um arquétipo “bem comportado” para poder se tornar um associado. Noutra via, pouco se sabe sobre a presença de mulheres negras e suas questões nesses processos de associativismo e construção jornalística nesse período.

4.2 Entre contradições e apropriações negras por um jornalismo digital

Ao passo que o jornalismo negro é um marco crucial, devemos reconhecer esses vários aspectos que o circundam. Ele é, sobretudo, fruto de um processo de condicionamento histórico, um contra-argumento linguístico no seio da linguagem dominante e de suas tecnologias, não só impressas, mas também digitais. Se hoje falamos em jornalismo negro na internet, não podemos perder de vista que tais meios se fundamentaram como evoluções nos modos de se comunicar, no sentido do “progresso” e de “modernidade”, na contramão dos “destinados ao atraso e a inferioridade”, que seriam os lugares de povos negros nesse processo de dominação, conforme problematiza o sociólogo Luiz Trindade

²⁰ Plataforma de vídeos on-line.

²¹ “Fundado em 2018 pela jornalista Thais Bernardes, o NP é muito mais do que um portal de notícias, é um jornal antirracista feito por profissionais, estudantes e comunicadores negros(as) que acreditam que, através da comunicação e da educação, é possível ter uma sociedade mais justa e com equidade racial.” Link da informação: <<https://noticiapreta.com.br/quem-somos/>>. Acessado em 15/09/2024.

²² “A Revista Afirmativa é uma organização de mídia negra fundada em 19 de março de 2014, que desde a sua criação rompe com o discurso de pretensa imparcialidade pregado pela mídia empresarial, tradicionalmente racista, machista, heteronormativa e principais responsáveis pela reprodução e fortalecimento de estereótipos racistas na sociedade brasileira. Defendemos que todo veículo de comunicação possui orientações políticas, negar este fato faz parte das estratégias da mídia conservadora pela manutenção dos poderes que representam e por isso destacamos em nosso slogan: Somos nós, falando de nós, para todo mundo.”. Link da informação: <<https://revistaafirmativa.com.br/quem-somos/>>. Acessado em 15/09/2024.

(2020).

Pensar a internet como possibilidade é, antes de tudo, para sujeitos negros, fincar os pés no chão e compreender os pressupostos que gestaram a construção desse vasto ambiente que hoje habitamos, em fluxos do *on* ao *off-line*. Creio que a questão fundamental é pensar em como, mesmo numa atualidade, essa ideia de Trindade é tão presente. Se a globalização tem como lastro o fluxo de informações ao redor do globo, não podemos nos perceber como reais sujeitos dessa dita “humanidade” concebida como global.

A Internet foi um instrumento militar fomentado durante o período da Guerra Fria, como meio de comunicação entre bases militares. Conforme dados da *Faetec*²³, após o término desse conflito entre potências mundiais, a ferramenta, antes chamada de AlphaNet, foi cedida à cientistas, e posteriormente, às universidades, entre professores e alunos. No Brasil, a Internet só chega de fato nos anos de 1990, predominantemente às universidades brasileiras.²⁴ Conforme a *União Nacional dos Estudantes* (UNE)²⁵, até 1997, apenas 2,2% de pardos e 1,8% de pretos cursavam ou tinham concluído o ensino superior à época. A internet chega ao país, junto de um visionamento quanto à exclusão educacional da negritude no ensino superior, demarcando uma profunda mostra sobre o acesso de nosso povo ao dito progresso da modernidade.

Porém, nem só de exclusão sobrevive os meios informáticos da internet, uma vez que, estudos como os de Tarcízio Silva (2022), comunicólogo e cientista social, demonstram que a codificação e os padrões de ação quanto aos aprendizados de máquina, os famosos algoritmos, são constituídos como extensões do racismo necropolítico²⁶. “Muitos defenderam que o “ciberespaço” ou ambientes “virtuais” e digitais derrubariam variáveis vistas como apenas identitárias, tais como raça, gênero, classe ou nacionalidade” (Silva, 2022, p. 18). Na contramão desse olhar otimista, o autor destaca que, com frequência, a codificação algorítmica de sistemas de segurança de reconhecimento facial tendem a criminalizar pessoas negras em detrimento a pessoas brancas.

Precisamos entender os modos pelos quais o racismo se imbrica nas tecnologias

²³ Link da informação:

<<http://www.faetec.rj.gov.br/faetecdigital/index.php/9-a-hist-da-internet#:~:text=A%20internet%20nasceu%20e%20foi.1945%20e%20a%20extin%C3%A7%C3%A3o%20da>>. Acesso em 15/09/2024.

²⁴ Também havia lares que contavam com internet nos anos 90, via discagem, por linha telefônica.

²⁵ Link da informação: <<https://www.une.org.br/2014/06/dez-anos-de-cotas-na-universidade-o-que-mudou/>>. Acesso em 15/09/2024.

²⁶ Conforme o filósofo e cientista político camaronês, Achille Mbembe (2016), define a noção de necropolítica como um amplo panorama, entre omissões e violências diretas, sobretudo numa esfera de Estado, com forças deletérias à vida.

digitais através de processos “invisíveis” nos recursos automatizados e/ou definidos pelas plataformas, tais como recomendação de conteúdo, moderação, reconhecimento facial e processamento de imagens. Portanto, é preciso entender também as manifestações do racismo “construídas e expressas na infraestrutura ou *back end* (por exemplo, nos algoritmos) ou através da interface (como símbolos, imagens, voz, textos e representações gráficas)”. (Silva, 2022, p. 26).

A internet e as tecnologias decorrentes do avanço informacional desse novo tempo, além de constituírem diversas questões intrigantes quanto à nossa inclusão nesse processo e à construção de violências sobre outros moldes, também muito abalaram a autoestima negra. Sistemas algorítmicos inteiros, em redes sociais, favoreceram a distribuição de padrões estéticos e indumentários dominantes, em geral, brancos (Silva, 2022).

Acerca do maquinário dessa nova época, apenas muito recentemente empresas como a Google, uma *BigTech*²⁷, têm conduzido esforços para criar lentes para câmeras de smartphones capazes de respeitar tons de pele negra na captação e no processamento das imagens registradas por esses aparelhos, haja vista que eles pouco respeitam tons de pele negra, por vezes, clareando-as ou saturando-as. Um comparativo interessante entre aparelhos móveis no quesito fotografia de pessoas negras foi realizada pelo portal *CanalTech*²⁸.

Noutra via, em 2018, a Google foi a empresa cujo algoritmo de buscas em pesquisas de imagens confundia pessoas negras com gorilas, conforme matéria do *El País*²⁹. De todo modo, a internet e o aparato técnico decorrente dela constituem um cenário dispare à negritude, quando não a excluindo, a criminalizando ou desrespeitando suas identidades em seus caracteres diversos.

Com um progresso informacional sem tantas garantias às negritudes, a consolidação de nossa permanência nesse espaço e em suas mídias foi um processo conquistado a duras penas. Poderia sugerir que algum espaço também nos foi concedido pela necessidade do capitalismo colonialista em expandir sua influência sobre outros públicos, como parte do processo de constituição de uma “humanidade conectada”. Prefiro pensar que, assim como sugere Antonio Bispo (2023), em sentido contracolonial, nossa entrada nesse vasto e inóspito ambiente se deu por uma necessidade de reivindicamos não só um lugar à mesa, mas também, a possibilidade mudar a disposição dos objetos sobre ela.

²⁷ Podemos conceber uma *BigTech* como uma empresa do ramo informacional e tecnológico de grande influência global.

²⁸ Link: <https://canaltech.com.br/produtos/qual-celular-respeita-melhor-nosso-tom-de-pele-em-fotos-250236/#google_vignette> Acessado em 17/09/2024.

²⁹ Link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/14/tecnologia/1515955554_803955.html> Acessado em 17/09/2024.

Desmantelar os sistemas através deles mesmos é um encaminhamento de vários autores que entendem a linguagem como objeto de apreensão e luta em favor de nossa existência. A antropóloga Lélia Gonzalez, problematiza a figura da mãe preta, arquétipo romantizado pela branquitude colonial encarnada em figuras intelectuais como Caio Prado Junior, sociólogo e historiador, que deu conta de encarar a sina da mãe preta como uma cuidadora gentil, servil e necessária. Por outro lado, a dita mãe preta foi a responsável pela remodelação linguística de todo um sistema de fala que forma a cultura brasileira para além da negritude.

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês. (Gonzalez, 1984, p. 238).

A figura da mãe preta, tão depreciada pelos românticos ao colonialismo, mas, sem dúvida, influente quanto aos seus lares e aos filhos dos senhores, rompeu paradigmas da língua diante da opressão de um panorama colonial e consolidou novos caminhos à expressão, à fala. De dentro do sistema colonial, mulheres negras introduziram contra-narrativas que permanecem até hoje no modo como lidamos com a linguagem, tendo, usando uma expressão de Santos (2023), “adestrando-a”.

De mesmo modo, tomar conta de ferramentas de sistema informacional em nosso favor é um processo refletido por nossa insistência em constituir contra-narrativas. Em muitos níveis, pode significar busca por integração social, como nos postulados da Federação dos Homens de Cor, mas no caso de outras mídias negras afora, a construção de outros modos de pautar a presença negra e o mundo que a rodeia é o que concebe tom a diversas editoriais de comunicação jornalística do gênero. O antropólogo David Nemer (2021, p. 23) concebe um termo particular para esse processo de tomada, “Tecnologia Mundana”, resumido no “[...] modo como as pessoas exercem agência e conscientização e se apropriam de tecnologias para se mobilizarem em direção à qualidade de vida que desejam.”

Acadêmicos e desenvolvedores de tecnologias frequentemente percebem aqueles que são oprimidos como meros consumidores de tecnologia, em vez de agentes empoderados por elas. Essa tensão entre opressão e empoderamento transforma as tecnologias digitais — como qualquer outro aspecto da vida dos oprimidos — em um campo de batalha. A experiência do oprimido com tecnologias digitais em suas

vidas cotidianas revela a violência estrutural da Era da Informação. Tornar tal opressão digital visível faz com que ela seja passível de intervenção e mudança. (Nemer, 2021, p. 17).

Movimentos como os de mídias independentes, jornalismo livre e outros, denotam a possibilidade contra-discursiva em favor de outras pautas fora dos grandes centros editoriais de mídia, tanto nacionalmente como em sentido local. O modo como comunidades, sejam urbanas, rurais, tradicionais ou originárias, se organizam em torno da comunicação é diverso. O site *Povos Indígenas no Brasil*³⁰ expõe uma lista com mais de 60 plataformas de comunicação mantidas por distintos povos em diferentes estados do país. Similarmente, ao estudar a experiência de algumas mídias negras pelo Brasil, Bruno de Castro Brito (2022), tendo como base informações do Fórum Permanente Pela Igualdade Racial (FOPIR), de 2020, indica que hoje no Brasil existem mais de 65 portais de comunicação elaborados e mantidos por pessoas negras.

Ao contrário do cenário observado nos dois séculos anteriores, o Nordeste hoje mantém cerca de 35,4% dos meios de mídia negra no Brasil, ficando atrás apenas da região sudeste, com 44,6%, demonstrando uma guinada na situação de outrora (Brito, 2022). Sugiro que fatores como invisibilidade quanto às questões negras no Nordeste ajudaram a ampliar nossos números no jornalismo. Obviamente, a plataformização digital desses meios corrobora para dado cenário, uma vez que essas iniciativas mantêm-se, em especial, em sites da WEB e redes sociais, com destaque ao Instagram.

Santos (2023) bem sugere que a comida, em sua elaboração e momentos de partilha, é fator crucial da vida em comunidade, em regime de compartilhamento. Na casa dos meus avós, onde me criei, não era diferente. O meio-dia não era hora, era lugar, o local em que nos encontrávamos para assistir TV e almoçar. Nesse caso, os programas jornalísticos dominavam e ainda dominam o meio-dia nas grandes emissoras de mídia televisiva e suas afiliadas locais. Quase uma hora ou mais de um jornalismo pautado em tragédias, em ambientes eminentemente pintados por corpos negros. Era bem aquilo, avós, mãe e tia sentados nos sofás, e eu no chão, com um prato de comida, enquanto o jornal do meio-dia, em suas catástrofes e apresentadores brancos, reproduzia-se numa TV de tubo. Os vizinhos faziam o mesmo.

Alguns meses atrás, estive ao lado de uma grande figura do jornalismo criminalístico do Ceará, dessa dita comunicação de tragédia, justo no momento de identificação de pautas e

³⁰ Informação: https://pib.socioambiental.org/pt/Web_ind%C3%ADgena. Acessado em 20/05/2024.

matérias que ocorria em um grupo no Whatsapp. Me lembro de ver corpos na tela daquele smartphone, vivos e mortos de maneira explícita, em sua maioria negros, e recordo-me dos locais, cenários típicos de regiões periféricas desassistidas pelo poder público em termos gerais. A forma brutal pela qual as pessoas daquele grupo buscavam o caos não me fugiu à mente, muito menos os sujeitos e os locais em que esse caos se tornava objeto de notícia no contexto daquele grupo de mensagens a serviço de uma grande emissora cearense.

Imagino que muitas dessas emissoras, com seus programas e entusiastas, falem que esse processo é um exercício imparcial, que essa notícia deve chegar aos ouvidos do povo, onde, caso contrário, estamos faltando com a verdade, com os fatos. *Então não é verdade que minha mãe não trabalhava de sol a sol para beber suas cervejas e se divertir aos fins de semana? Não é fato que fui o melhor aluno da turma? Ou é mentira que vivíamos numa comunidade à beira do Rio Maranguapinho, no Conjunto São Francisco, onde há mais de duas décadas somos ameaçados de desassentamento pelo estado? Essas verdades o jornal do meio-dia não contava e não conta. A vida de um Negro só importa quando mata ou morre?*

Em contraste radical, como parte do processo de campo, aproximação e cooperação junto ao Negrê, fui incluído em seu grupo de trabalho no Whatsapp. De repente, havia gente falando sobre cultura e arte fomentadas por mãos negras, opinando contra a violência sistêmica a corpos negros, e construindo notícia a partir de si. Aquela plataforma de mensagem havia sido apropriada para algo totalmente diferente do que a criança que fui jamais pensaria que existia, uma potência negra. Identidade que hora desconheci, hora neguei.

O jornalismo construído pelo pessoal do Negrê, sob muito esforço, constitui em empreendimento entre vários no Brasil, entre vários na região nordeste, facilitados pela nossa apropriação acerca dos meios de comunicação e tecnologias digitais, diante de todas as contradições desse progresso. Conforme Neusa Santos, psiquiatra, psicanalista e escritora, “numa sociedade multirracial, racista, de hegemonia branca, o “a posteriori” se produz no momento em que o negro enfrenta peito-a-peito as condições concretas de opressão em que está imerso” (Santos, 2019, p. 47). Desta feita, a seguir visionaremos algumas reflexões apresentadas diante das narrativas e falas de Larissa, Karoline, Paulo e Dhara, como objetos de atenção diate dos fazeres jornalísticos negros.

5. “QUERO SER DONA DE JORNAL: POR UM EDITORIALISMO NEGRO PARA ALÉM DAS “DESGRAÇAS”

Em dado momento, entramos no assunto de escolhas editoriais. Larissa me relatou ter acompanhado o processo de transição editorial do portal *Mundo Negro*³¹, que, segundo ela, detinha um caráter mais denunciativo, mas que atualmente possui outra linha editorial, tendo ampliado seu escopo. Vale destacar que ela mantém contato com a chefia do referido portal, bem como de outros similares pelo nordeste.

“A minha intenção não é essa, ficar falando em desgraça, eu prefiro falar de potencialidades”. Esta fala de Larissa se revela justo no momento que eu entro no assunto das escolhas que são feitas ao *Negrê*. Percebo que isso faz grande sentido quando acessamos o Instagram e o site da iniciativa e percebemos que a construção narrativa que se faz segue tratando sobre arte, moda, beleza, educação e estilo de vida. Diferente do que percebo em outros portais negros como, por exemplo, o *Revista Afirmativa*³², o *Negrê* integra uma narrativa menos “denunciativa”. Nesse aspecto, entendo que a busca por outras representações é foco dessa empreitada, como quem diz, *“tanto quanto posso denunciar o racismo, posso denunciar minha potência, minha felicidade, para que isso possa ser notícia.”*

a) A publicidade não é alheia à dinâmica simbólica que rege as relações raciais no Brasil. Por ação e omissão, ela é instrumento eficaz de perpetuação de uma estética branca carregada de implicações racistas. Nela o negro aparece sub-representado e diminuído como consumidor e como segmento da população do país, reforçando-se assim a tendência a fazer dele um ser invisível, “retirado de cena”.

b) Nas suas escassas incursões na publicidade, o negro tende a aparecer dissociado de produtos específicos, o que sugere a estratégia publicitária de evitar a “contaminação” da imagem desses produtos. Além do mais, suas aparições tendem a ficar diluídas e amenizadas pela presença conjunta de representantes do grupo racialmente dominante.

c) A publicidade reproduz os estereótipos culturais sobre o negro, assim contribuindo para delimitar, no plano ideológico, “seus lugares apropriados”. Esses lugares esgotam-se na polaridade trabalho desqualificado/“entertainer”, “objeto de consumo”. (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 91).

Considerando o modo como a publicidade, lida, em geral, com a circulação da imagem negra, podemos levar em conta que, por vezes, o jornalismo não se encontra tão distante dessa dinâmica, como campo da comunicação, nos afastando da ideia de povo presente, feliz e potente. Nisso, questionamos, por meio de Larissa, sobre *“como as mídias*

³¹ Link do site: <https://mundonegro.inf.br/>. Acesso em 12/10/2023.

³² Link do site: <https://revistaafirmativa.com.br/>. Acesso em 12/10/2023.

tratam os países da África. A gente já sabe, que segundo a maioria é um local de pobreza, miséria, desastres naturais, guerras tribais e conflitos políticos.” Nesse ponto, vale dizer que ela já visitou o continente africano após sua formatura em jornalismo, tendo juntado um valor razoável para tal. Noutra oportunidade, já em 2024, Larissa retorna à África, em Angola, para documentar e cobrir uma missão médica realizada no país.

Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo o que eu soubesse sobre a África viesse das imagens populares, também ia achar que se tratava de um lugar com paisagens maravilhosas, animais lindos e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e de aids, incapazes de falar por si mesmas e esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso. (Adichie, 2019, p. 10).

Assim, foi dito o quão estranho foi perceber a distorção midiática que gira em torno das questões dos países do continente. *“Tem país pobre, realmente, mas eu também fui pra país rico e foi um choque.”* Esse choque se mostra como uma quebra de expectativa diante do imaginário corroborado pelas grandes mídias. *“Eu cresci com a televisão falando que a África é aquilo ali”*, disse Larissa. Imagino que, tão legítima quanta a investigação e a denúncia sobre as más condições de vida às negritudes no Nordeste, a conduta de explorar e narrar a potência de nossa existência para além da racialização por vias de pesares, é uma estratégia que conduz à noção de “negro-vida”, de Guerreiro Ramos (1995).

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, abjeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados « “antropólogos” e “sociólogos”». Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro vida. O negro-tema é uma coisa examinada, olhada; vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; e despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje a que não era ontem e será amanhã o que não é hoje. (Guerreiro Ramos, 1995, p. 215).

Assim, voltamos, juntos, a nos perguntar sobre outras formas de produzir narrativas sobre as questões negras. Larissa me disse, *“tem um amigo meu que fala sobre futebol africano. Quem é quem fala de futebol africano? Maravilhoso ele!”* Desse modo, ela menciona a necessidade de discursos contra-coloniais. Vale dizer que, tendo estudado na Unifor, instituição privada de grande renome da região Nordeste, Larissa passou por processos diferentes em relação a muitos alunos da instituição. *“Eu não sabia falar inglês na*

Unifor e meus colegas de turma já falavam e faziam viagens internacionais às custas dos pais, mas as que eu fiz foi tudo juntando dinheiro.”

Num desses encontros, nosso diálogo, em tom mais íntimo, já caminhávamos a conversas sobre dança e literatura. Larissa é autora de um livro, *Mutuê: relatos e vivências de racismo em Fortaleza*, produto de sua monografia. Além disso, a escrita se revelou, a todos os entrevistados, não só Larissa, como um espaço de libertação. Fui convidado a ouvir alguns de seus poemas, e, futuramente, compor um projeto conjunto com foco em literatura poética negra. De todo modo, essa postura remete diretamente à conduta do *Negrê*, voltado às artes, à literatura, à moda e à atuação e estilo de vida negro em amplo aspecto. Novamente, “potencialidades”, como Larissa tanto diz. Interpreto isso como a proposição de bell hooks em estabelecer que como ruptura ao ciclo de auto-ódio negro, o ato de amar a negritude.

A maioria das pessoas nessa sociedade não quer admitir abertamente que ódio e medo estão entre os primeiros sinais que a “negritude” evoca na imaginação pública dos brancos (e de todos os outros grupos que aprenderam que o jeito mais rápido de demonstrar concordância com a ordem supremacista branca é compartilhar suas suposições racistas). Em um contexto supremacista branco, “amar a negritude” raramente é uma postura política refletida no dia a dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora. (hooks, 2020, p. 38).

Portanto, o *Negrê*, como narrativa de seus colaboradores, em especial, a partir de Larissa, se fundamenta sobre dois pilares: Regionalidade e potencialidades, como identidade editorial constituinte ao portal. Abro um parêntese para melhor ilustrar estes dois aspectos aqui já trabalhados brevemente, seja a partir da denúncia feita pelas tatuagens de Larissa, em alusão o Nordeste brasileiro, ou por seu objetivo em fazer do *Negrê* um espaço que para além das “desgraças”.

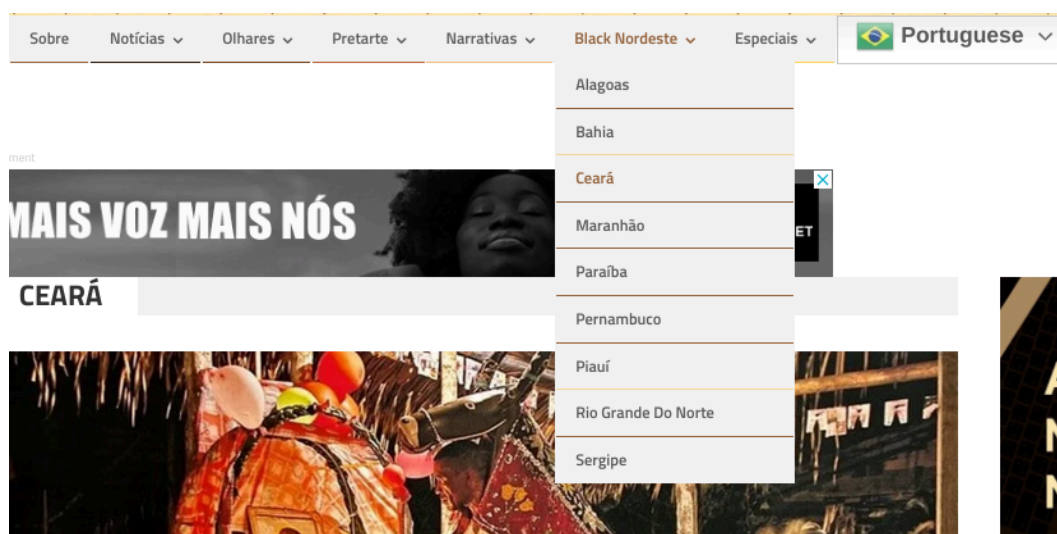
Ao nos informar a dificuldade em estabelecer uma articulação com o jornalismo sudestino, assim como ao reconhecer as diferenças que fundamentam não só os problemas, mas também os interesses da negritude nordestina em relação às outras regiões do País, o portal se põe como primeiro do gênero no Nordeste.

O Brasil é, pois, um campo incontornável para a reflexão sobre a negritude e as relações raciais. Além disso, a geografia do país é marcada pela vastidão do território, cujas numerosas particularidades regionais permitem a abordagem comparativa: a questão da negritude não se coloca nos mesmos termos no Nordeste, na Amazônia ou no Sul e Sudeste do Brasil [...]. (Audebert, 2022, p. 17).

Seria, portanto, difícil conceber que a escolha editorial de Larissa e da equipe do

Negrê não está em compasso junto às noções de “negritudes”, reconhecendo, até, que as noções e os problemas se alteram até em escalas geográficas menores, de estado para estado, de município para município. Contudo, o portal ainda sim busca ter “perna” para mapear interesses regionais no que constitui os Estados da região Nordeste. Assim, como ilustrado abaixo, a aba contida no site da web, denominada “Black Nordeste”, realiza a ação de filtrar as notícias de interesse para cada Estado da região.

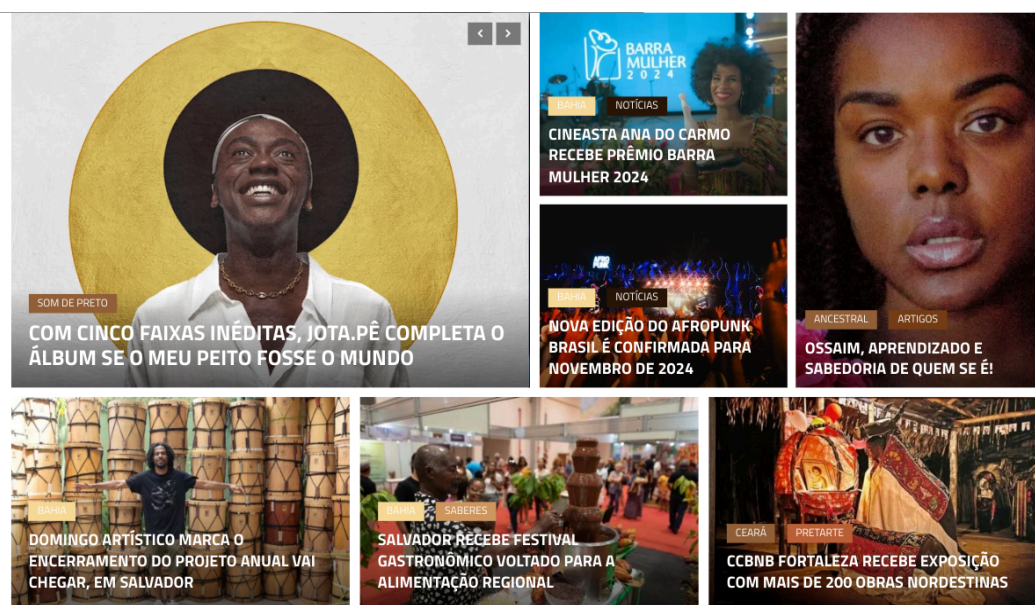
12. *Figura: Espaço Black Nordeste.*



Fonte: Site Negrê.

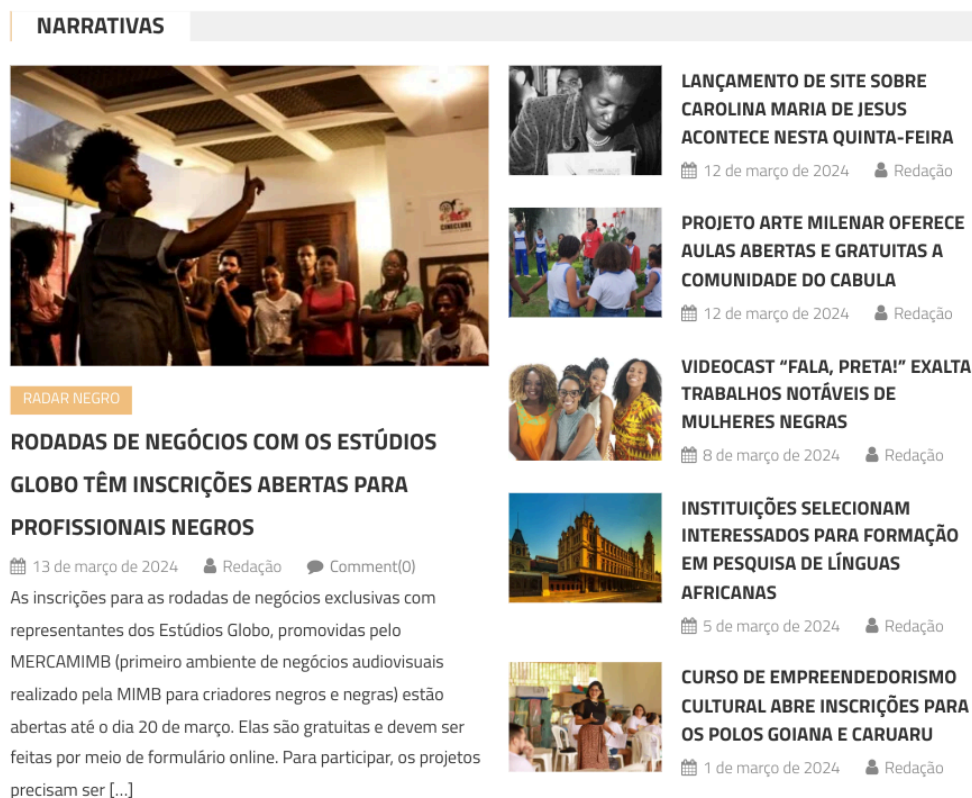
Em seguida, no que se refere a segunda identidade fundamental do *Negrê*, a potência negra. Com isso, parte de meu trabalho foi explorar as plataformas do portal para identificar as abordagens possíveis. Neste trabalho, notei que, não só questões como beleza, arte, moda, espiritualidade estão postas como centrais às narrativas defendidas no jornal, como também a divulgação de ofertas de trabalho à população negra.

13. *Figura: Postagens da página inicial do site Negrê.*



Fonte: site Negrê.

14. *Figura: Narrativas Negrê.*



Fonte: Site Negrê.

As imagens que se seguiram ilustram o caráter e a identidade defendidas, em síntese, a partir da noção de “potencialidades”. Com isso, reitero, a questão do amor à negritude, defendida por hooks (2020), se coloca numa esfera de defender a possibilidade de nos construirmos racialmente para além das dores. Ora, a “dororidade”, conceito trabalhado por Vilma Piedade (2019) para contra-argumentar a noção de sororidade em razão das dores constituintes e unificadoras de mulheres negras, não é a única saída de reconhecimento coletivo às negritudes.

Não é uma questão de “nós” e “eles”. A questão é de ponto de vista. A partir de qual perspectiva política nós sonhamos, olhamos, criamos e agimos? Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. Abrir espaço para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver. (hooks, 2020, p. 30).

A denúncia, a constatação da dor e da raiva, são, por óbvio, faces de um jornalismo vivido, basilar à construção de um panorama informativo, mas o que questiono aqui, a partir de Larissa, é, *até que ponto seremos definidos a partir da miséria e das desgraças?* Ora, as imagens importam e importunam. Para além de histórias únicas e únicos caminhos narrativos, *é possível construir um editorialismo marcadamente “feliz” às negritudes?*

5.1 Sobre permanecer

Em 2021, o *Brasil de Fato*³³, fomentou uma matéria onde uma das entrevistadas foi Larissa. *“Mesmo a comunicação preta utilizando muito bem da internet como uma grande ferramenta, quem faz a mídia preta encontra inúmeras dificuldades no caminho para se manter, para permanecer. Nós precisamos falar de permanências, urgentemente! Mais ainda do que ficar falando só de representatividade do povo negro nas mídias independentes”. A*

³³ Link da informação:

<<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/26/dos-pasquins-a-internet-jornalismo-negro-atravesou-seculos-em-luta-contra-o-racismo>>. Acesso em 21/02/2024.

questão da permanência se torna central à manutenção do que constitui muitas das plataformas independentes. Larissa entrou nessa junto de sua parceira, Sara, mas como financiadora principal ela me afirmou que chegou a desembolsar cerca de 10 mil reais para manter o portal.

Numa dessas conversas, quando questionei Larissa sobre as principais dificuldades de manter o empreendimento, percebi certa frustração de sua parte por não conseguir lidar com pautas e assuntos ligados à Paraíba, em função da ausência de um “correspondente” do Estado. *“Eu sempre cobri mais Ceará, Bahia e Maranhão”*, disse Larissa. E, demonstrando certo desapontamento, ela falou, *“eu choro pra dizer isso, mas a gente não tem braço pra cobrir todos os Estados, mas no início eu tinha colaborador de todos.”* Sobre isso, preocupada em lidar com os assuntos relacionados às negritudes no Nordeste, Larissa mencionou que, *“tem muita coisa pra trabalhar, o que a gente queria ter era dinheiro pra fazer”*.

E é aqui que um dos principais problemas se revela, senão o principal. O financiamento e a manutenção de pessoal passa diretamente pela noção de rentabilidade. Aqui somos apresentados a outra surpresa, o trabalho que tanto me inspira já tirou noites de sono de Larissa por questões como retorno monetário. A realidade é que, o sonho sozinho sustenta a premissa de dialogar com a negritude nordestina, à medida que, o dinheiro é, por vezes, um impasse.

Num caso específico e sintomático desse problema, em uma das entrevistas, um dos diálogos que tive junto ao corpo colunista do portal, me deparei com Karoline, escritora e jornalista negra cearense apaixonada por esportes. Em algumas oportunidades, ela escreveu ao *Negrê*, sob convite de Larissa, mas, assim como a maioria dos ex-colaboradores, em função da impossibilidade de remuneração, Karoline pouco conseguiu se manter junto do *Negrê*, muito embora ela tenha demonstrado sua paixão pelo jornalismo esportivo negro.

Larissa sempre me falou de sua irrestrita admiração e confiança no trabalho de Karoline, bem como sua parceria em momentos complexos do portal, o que torna ainda mais difícil a não possibilidade de remuneração parcial ou integral. Outrossim, neste ano, Larissa me informou que está elaborando um contrato para manter Karoline mais próxima, mesmo que não em tempo integral. *“Um dia quero que ela trabalhe integralmente para o Negrê”*, disse Larissa.

Em ligação, Larissa me falou que no último período que demarca o fim de ano, em 2023, ela conseguiu dinheiro extra para fazer repasses para alguns colaboradores em

específico. Ela, no entanto, lamenta não conseguir fazer isso com mais frequência para manter esse pessoal ao redor do *Negrê*. De todo modo, *como manter uma equipe editorial sem qualquer tipo de incentivo material externo para além dos próprios esforços em manter um sonho pessoal e coletivo?* Entre idas e vindas, mais incertezas do que certezas quanto à manutenção do pessoal e do empreendimento, cabe dizer Karoline retornou ao portal com mais assiduidade no ano de 2024, sob remuneração.

Penso que esse seja um dos motivos à evasão de pessoal à iniciativa. O portal contou, inicialmente, com um considerável contingente de colaboradores, mesmo que voluntários. *“Aí que essas pessoas foram se achegando, e a partir disso eu tive a ideia de que ao invés de ser um portal de mídia negra cearense fosse nordestino.”* Larissa também falou que, a iniciativa *“começou muito inchada, com quase quarenta pessoas, mas muita gente de outros Estados já dispersaram.”* Ademais, hoje, quando vejo as redes sociais do *Negrê* e de Larissa, noto campanhas em prol de um financiamento participativo, seja via *Colabore*³⁴, ou por meio de artifícios como rifas.

Larissa tem o *Negrê* como sua prospecção de futuro, não somente uma iniciativa para a afirmação das identidades negras no Nordeste. *“Eu não quero que o Negrê morra, eu vou lutar sempre, e quero que seja minha principal fonte de renda um dia.”* A empreendedora ainda complementa que, ao ver exemplos como o do *Jornal Le Monde*, que não foi herdado, mas criado num *“processo de formiguinha”*, pensava, *“poxa, eu quero ser dona de Jornal.”*

5.2 Entre a denúncia e a censura no caso do menino Miguel: o jornalismo no uso da raiva

Sem dúvida, o jornalismo negro independente foi crucial à informação e à denúncia dos racismos sanitários marcados pela pandemia de covid-19 no Brasil. Não poderia ser diferente, ao passo que, na realidade, o racismo quanto à população negra em vista da pandemia só foi realçado pelo período de caos sanitário no Brasil.

A população negra, que já vivia em situação de exclusão com falta de recursos básicos para sobrevivência, com piores condições econômicas, pior qualidade de vida e precário acesso aos atendimentos de saúde, foi empurrada ainda mais à margem da sociedade, o que nos obriga a afirmar: a pandemia de Covid-19 tem cor.

³⁴ Plataforma on-line de financiamento coletivo. Link da informação: <https://apoia.se/>. Acesso em 13/10/2023.

Um dos primeiros registros de caso de óbito confirmado do novo coronavírus foi notificado em março de 2020 e era uma mulher negra de 57 anos, doméstica. Mais de um ano depois, essa morte personifica milhares de outras de brasileiros (as) impedidos (as) de evitar situações de exposição ao vírus, seja usufruindo do trabalho *home office* ou de recursos suficientes para se manter no distanciamento social decretado por Estados e municípios. (Batista; Proença; Silva. 2021, p. 02).

Quando eu perguntei à Larissa sobre como o *Negrê* atuou durante a pandemia, haja vista que o portal nasceu efetivamente em meio a este processo de crise internacional, ela me afirma que agiu de modo a seguir a identidade definida ao portal. Isso, no entanto, não significa que o *Negrê* deixou de noticiar pautas relacionadas ao período, porém, segundo ela, com caráter mais “*informativo*”. Contudo, algumas colunas foram produzidas a respeito do assunto. Como afirmou a chefia do portal, “*A gente não fez muitas reportagens denunciando, porque a gente sabe que tem essa coisa da perseguição, da censura, infelizmente*”.

Acho importante ressaltar que, em 2023, a página principal do portal na web deixou de exibir o tópico “*covid-19*”, porém sem excluir o conteúdo produzido na época. “*Durante a pandemia, sim, a gente fazia algumas reportagens, matérias, no qual a gente trazia dados do Covid, tanto no continente africano e nos estados do Nordeste do Brasil. E a gente trazia sobre vacinas também, sobre pautas também que dessem esperança que fossem positivas sobre o Covid, que o Covid vai passar em algum momento*”, informa Larissa.

[...] partimos da noção de que o espaço-tempo de excepcionalidade engendrado pela experiência da pandemia de Covid-19 não apenas atinge desigualmente sujeitos e populações, a depender de suas prévias condições de precariedade cotidiana, mas oportuniza o acionamento, a reatualização e a explicitação de relações de poder e domínio perversamente incrustadas no que somos como nação. (Barreto; Filho, 2022, p. 514).

Em diálogo com Paulo Gonzaga, a questão ganhou outros contornos. Acho importante dizer que em junho de 2020, uma trabalhadora doméstica contraiu o vírus no lar de seus patrões, sendo a primeira vítima diagnosticada no Estado do Rio de Janeiro. Sem precisar me alongar, a pessoa acometida era negra. Este trânsito de trabalhadoras domésticas, sendo marcadamente mulheres negras, gerou grande debate entre a mídia especializada. Se não contraíam o vírus por confinamento junto aos seus empregadores, por vezes, eram acusadas de disseminá-los nesses lares.

Numa dessas, Paulo produziu uma coluna ao *Negrê* que hoje não está mais no ar em função do medo de processos judiciais. “*Eu falando de uma pessoa famosa, do marido de Ivete, né, que deu uma declaração fodida na pandemia, dizendo que a mulher que trabalhava*

na casa dele foi a que trouxe a pandemia, extremamente racista”, afirma o psicólogo ao se referir ao seu texto. Noutra tragédia relacionada ao racismo sanitário no compasso do que atenta contra a vida e a dignidade de mulheres negras trabalhadoras domésticas, em julho de 2020, agora no que se refere às falas de Paulo em associação às percepções de Larissa, retorno à lembrança o caso do assassinato do menino Miguel, filho de Mirtes, empregada da casa de Sari Corte Real. A criança foi vitimada no contexto do trabalho de sua mãe, quando vigiada, “tutelada”, por Sari, a patroa, mulher branca.

Miguel Otávio, de cinco anos, caiu do nono andar do Edifício Pier Maurício de Nassau, no centro do Recife, no início da tarde do dia 2 de junho de 2020, após ser deixado no elevador de serviço, sozinho, por Sari Gaspar Côte Real, moradora do prédio e patroa de sua mãe, Mirtes Renata Santana de Souza, empregada doméstica há quase quatro anos de Sari e de seu marido Sérgio Hacker Côte Real (PSB), então prefeito de Tamandaré, município localizado no litoral sul de Pernambuco. Amplamente divulgada pelos veículos de imprensa locais e nacionais, que transmitiram as filmagens das câmeras de segurança do momento em que Sari permitiu que as portas automáticas do elevador se fechassem com a criança dentro, a morte de Miguel logo se tornou objeto de debate público e mobilização social por “justiça”. (Barreto; Filho, 2022, p. 512).

O caso, obviamente, em função de sua notoriedade, tomou rumos judiciais. *Seria Sari Corte Real a responsável pela morte do menino?* A mobilização nas mídias foi massiva, e o *Negrê*, na figura de Paulo, não deixou de produzir uma coluna que foi ao ar no período de julgamento, tendo em vista a argumentação da defesa. “*É, porque o “profissional X”³⁵ que tá no caso, no processo judicial do caso Miguel, ele traçou uma teoria pra dizer que o Miguel se matou, praticamente, porque ele tinha algum problema na cabeça, algum problema mental, né*”, disse Larissa. Coadunando com o argumento anterior, Paulo afirmou que, “*tinha um profissional X envolvido, né? Um profissional X que não era um profissional X de Miguel, mas ele se colocou no lugar de, primeiramente, né?*”

A coluna produzida por Paulo, em tom de revolta, utilizava de teoria relacionada à psicologia e às relações raciais no sentido de se fazer compreender o papel condenável que a argumentação mantinha ao descrever Miguel de tal modo. “*E ele começou a trazer o discurso criminalizando o Miguel. Tipo, criminalizando também. Mas culpabilizando o Miguel. E a partir de um discurso das psicopatologias, né?* Paulo continua, “*ele dizia que Miguel era um menino muito atentado. Que não recebia as regras. Que não seguia as regras estabelecidas*”. Segundo a chefe do *Negrê* “*era um profissional X branco, né, e aí ele fala daquela questão*

³⁵ Não mencionarei nome ou ofício do seguinte sujeito narrado nas falas de Paulo, a fim de preservar Paulo juridicamente. No lugar, o mencionarei como “profissional X”.

do racismo de encarar pessoas negras como se elas tivessem problemas mentais e tudo mais. E aí na época o Paulo fez, ele citou o nome do profissional X, ele falou direitinho, enfim.” Nessa perspectiva, Miguel, um menino negro, sob tutela temporária da empregadora de sua mãe, seria o antagonista no “acidente” que lhe vitimou. A revolta do Paulo, certamente também é mobilizada em função de sua negritude e ofício, enquanto psicólogo.

[...] o sujeito Negro torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. Enquanto o sujeito Negro se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano. Este fato é baseado em processos nos quais partes cindidas da psique são projetadas para fora, criando o chamado ‘Outro’, sempre como antagonista do ‘eu’. Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte “boa”, acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como ‘self’, como ‘eu’ e o resto – a parte “má”, rejeitada e malévola – é projetada sobre o ‘Outro’ e retratada como algo externo. O ‘Outro’ torna-se então a representação mental do que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: o ladrão/ a ladra violento(a), o(a) bandido(a) indolente e malicioso(a). (Kilomba, 2018, p. 174).

“Tava puto, tava puto pra caralho. Assim... tava muito puto. Eu cheguei a fazer denúncia no “conselho X”³⁶ de Pernambuco. Eu fiz toda uma movimentação, assim, sabe? E aí, liguei pra Mirtes também, mãe dele, conversei com ela”, me afirmou, enfaticamente Paulo. Contudo, a questão não se complexificou para Paulo e ao Negrê, ao passo que a coluna escrita pelo psicólogo “rodou” e tomou maiores proporções. A coluna foi retirada do ar. O dito autor da tese sobre a culpa de Miguel por sua própria morte perseguiu Paulo e o portal. *“Eu falei pra caralho, dei o nome e tal, né, ainda muito puto com... E aí não me atentei às possibilidades de alguém me foder por conta disso. E assim, a coluna começou a circular. Eu fiquei feliz por conta disso, porque eu falei, caralho, se chegou nele, é porque rodou”,* disse Paulo. Nisso, Larissa me questionou: *“E aí o que aconteceu? O “profissional X” entrou em contato com o Paulo, o Paulo é psicólogo, né, baiano, negro. Ele entrou em contato com o Paulo ameaçando, né. Ele disse que se a coluna no texto continuasse no ar, ele ia tomar as medidas cabíveis.”*

“E essas medidas cabíveis a gente sabe que é processar. E aí, assim, o Paulo ficou com medo, ele ligou pra mim, a gente ficou uma hora no telefone. E aí, realmente, a gente decidiu tirar a coluna do ar porque eu não ia ter grana pra arcar com o processo de danos morais, se esse profissional X branco entrasse com isso. E o Paulo tampouco também, né?” Mais uma coluna fora do ar. Mais uma revolta dando nome aos bois sendo silenciada. No

³⁶ Aqui não será revelado o conselho ao qual este sujeito é filiado, para reforçar seu anonimato.

entanto, permanecer, como bem discutido aqui, torna-se escolha central através da única alternativa, ao despender recursos escassos em defesas judiciais. *“Isso é uma censura, a gente teve que tirar a coluna do ar”*, disse Larissa em tom enfático. Ressalto, ainda, que a primeira-dama de Tamandaré-PE, continua a responder o processo em liberdade, apenas por circunstância de abandono de incapaz, tendo sido condenada em segunda instância pelo Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE).

O caso aqui relatado retorna paradoxalmente às ditas desgraças, *mas como evitar que um corpo marcadamente negro se destitua totalmente de suas revoltas?* Quando falei das limitações acerca identidade editorial do *Negrê* e à probabilidade de manter esta postura não denunciativa de maneira continuada, imaginei que, hora ou outra, os sujeitos negros que constroem informação “explodem”, colidem com princípios preestabelecidos para ir de encontro às emoções que os atravessam. Paulo estava “puto”, como ele reitera várias vezes. Larissa também demonstrou para mim sua revolta com o caso. Embora o texto tenha sido assinado por Paulo, a chefia editorial corroborou com esta coluna, em demonstração de raiva à culpabilização de Miguel no ato que lhe vitimou.

A raiva é repleta de informação e energia. [...] Querem que o racismo seja aceito como fato imutável da estrutura da nossa existência, como o anoitecer ou um resfriado comum. [...] Eu não posso esconder a minha raiva para poupar vocês da culpa, ou não magoá-las, ou evitar que vocês reajam com raiva, pois fazer isso é banalizar todo nosso empenho. A culpa não é uma razão à raiva, é uma razão às próprias ações ou inações. Se conduz a mudança pode ser útil, pois nesse caso já não é mais culpa, e sim o ponto de partida para o conhecimento. [...] E minha raiva não serve de desculpa para que você não lide com a sua cegueira, nem de motivo para que você se esquive das consequências de seus próprios atos. (Lorde, 2009, p. 162-168).

Mentir para quê? Muito do que constitui os modos de vida da negritude está na raiva, e entender este aspecto de nosso “estilo de vida” não contradiz a possibilidade de explorar a potência negra. Audre Lorde (2019) chama atenção ao uso da raiva como artifício a mulheres negras no contexto de suas experiências. Nossas emoções, e seus usos, não seriam um ponto de inflexão para nos articularmos em prol do conhecimento?

Paulo usou da raiva, Larissa corroborou e a coluna circulou, mesmo tendo sido retirada posteriormente, dando nome a quem precisou ser nomeado, identificado. “Nosso poder de vislumbrar e reconstruir, raivas após raiva dolorosa, pedra sobre pedra, um futuro de diferenças fecundas e de uma terra que sustente nossas escolhas” (Lorde, 2019, p. 170). Posso até imaginar que esta fecundidade, defendia pela noção de potência negra, também está

contida no sentimento de raiva e dos seus vários usos, mas sobretudo, na possibilidade de poder olhar além, e prestar atenção às raivas cantadas, pintadas, escritas e encenadas por sujeitos negros, para, assim, noticiá-las.

5.4 Rupturas às imagens de controle

Rediscutindo um ponto de investigação anterior, não por acaso, mas como um sintoma do tratamento ao qual mulheres negras são submetidas no Brasil, a pandemia agravou o quadro de empregabilidade dessa parcela da população. Em suma, as mulheres negras foram as mais afetadas pelo caos pandêmico. De um lado, camada que menos detém espaço nos postos de trabalho, de outro, a que, num esquema de trabalho doméstico em casas de terceiros, estiveram mais sujeitas aos sistemas de “quase cárcere” e infecção pelo vírus.

As condições de existência material dessa população-negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. Os diferentes modos de dominação das diferentes fases de produção econômica no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do lugar natural, de Aristóteles. (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 14).

Conforme José Adailton Sousa dos Santos (2021), em trabalho realizado para verificar a situação de mulheres negras em contextos de trabalho doméstico, somos apresentados ao caso do menino Miguel, que, por negligência da patroa de sua mãe, morreu num dos mais escancarados casos de racismo sanitário presenciados em período pandêmico. Noutro sentido, Santos (2021) aborda o tema das empregadas mantidas nas casas de seus chefes durante essa época, impedidas de retornarem aos seus lares em função de uma dinâmica de servidão. Podemos dizer que, nesse construto colonial, mora o que Winnie Bueno (2020), a partir de um dos conceitos dos pensamentos de Patrícia Hill Collins, desenvolve como Imagens de Controle.

Finalmente, as imagens de controle surgidas na era da escravidão e ainda hoje aplicadas às mulheres negras atestam a dimensão ideológica da opressão das estadunidenses negras. Quando falo em ideologia, refiro-me a um corpo de ideias que reflete os interesses de um grupo de pessoas. Na cultura estadunidense, as ideologias racista e sexista permeiam a estrutura social a tal ponto que se tornam hegemônicas, ou seja, são vistas como naturais, normais e inevitáveis. Nesse contexto, certas qualidades supostamente relacionadas às mulheres negras são usadas para justificar a opressão. (Collins, 2019, p. 36).

Numa leitura “abrasileirada” podemos dizer que, nada mais fiel à imagem de uma mulher negra doméstica do que a noção de “mucama”, assujeitada à servidão no lar do senhorio, conforme nos lembra Lélia Gonzalez (1984). Por consequência, essa imagem colonial cria arquétipos entrelaçados em estruturas reais que se perpetuaram pela história colonialista brasileira de até então, vendendo “romantismos” a partir dessas violências, ao estilo freyriano.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala. no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida. trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. (Freyre, 2019, p. 367).

Mas como imaginar uma mulher negra fora dessa lógica, ainda mais num período em que a “Casa Grande” as mantém cada vez mais enclausuradas? Podemos afirmar que as facilitadoras de inúmeras denúncias contra essas violências foram outras mulheres negras. No portal dirigido por Larissa, em texto escrito pelo colunista Paulo Gonzaga, muito se falou exatamente sobre o ocorrido no caso do menino Miguel, diante, em especial, do comportamento de um depoente específico, como já trabalhei aqui. A matéria saiu do ar por questões jurídicas, mas, em conversa com o autor, notei o orgulho que foi travar essa guerra, “comprar essa briga”, mesmo diante das possíveis consequências judiciais.

No contexto brasileiro, as teorias sociológicas clássicas a respeito de raça se sustentaram a partir de imagens de controle que apresentam contornos muitos semelhantes às figuras descritas por Patricia Hill Collins. [...] Teóricos como Gilberto Freyre tiveram papel central na construção do mito da democracia racial, que coloca mulheres negras como centrais na conciliação dos conflitos raciais, como se elas não oferecessem resistência às violências às quais eram submetidas. (Bueno, 2020, p. 85).

Devo retornar à noção de “mucama”, foco de articulações críticas de Gonzalez (1984), pois, se temos um processo de subalternização histórico agravado em função de um período pandêmico, noutra frente, temos mulheres negras se articulando em trincheiras informativas para denunciar esses processos. Devo ressaltar que, conforme Collins (2019) nos mostra, muitas das mulheres que estão em postos de trabalho precarizados ainda resistem ao “lugar natural”, às imagens de controle. Assim, várias vozes femininas ascenderam por um

jornalismo negro e independente na pandemia, assim como Larissa. Não seria o sonho pessoal de Larissa e de Sara, com fundadoras do *Negrê*, o veículo à construção de uma ruptura às imagens de controle que rodeiam elas e outras mulheres negras a partir de um esquema interseccional com base nos marcadores de suas identidades?

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, sejam explicitadas. (Akotirene, 2020, p. 27).

Abordo este ponto, porque lembro que muito me foi falado sobre o papel do *Negrê* em dizer algo diferente, em explorar as potências, e, com isso, ser rentável, fazer de Larissa, enfim, uma dona de jornal. Todavia, quando escuto a frase, “*quero ser dona de jornal*”, vejo uma estrutura em movimento a partir do sonho de uma única mulher, que, conseqüentemente, ecoa à várias outras direções num sentido representativo. Isso, no entanto, não é um caminho percorrido num único dia.

Os tios de Larissa já emitiam a sentença, ela seria jornalista, por falar demais, ser muito “enxerida”. “*Eu decidi fazer jornalismo quando eu tinha 15 anos de idade, quando eu tava no primeiro ano do ensino médio. Fiz o teste vocacional e ali eu vi que eu queria fazer jornalismo*”, diz Larissa. Se, na adolescência, testes vocacionais confirmariam a tendência prevista por sua família, na faculdade, por vezes, os caminhos foram outros. Larissa afirma, “*Eu estudei numa universidade elitizada, onde sempre tinha a maioria de pessoas brancas e que falavam coisas desagradáveis, escrotas, e às vezes não mediam as palavras.*”

Larissa entrou na faculdade visando o telejornalismo, afirmando que, “*geralmente as pessoas entram querendo trabalhar com TV. Então esse desejo era meu também, né? Trabalhar com TV, aí um dia eu vou para o Jornal Nacional. Parece até engraçado falar isso, mas é uma coisa que muita gente quer, né?*”. No entanto, em uma das cadeiras de telejornalismo, ainda nos primeiros anos de curso, ela se deparou com a ausência de ajustamento às telas. “*Tinha uma moça que ela... a fulana, ela tinha o cabelo cacheado, mas ela alisava à força, né? E aí ela disse pra mim o seguinte, que se eu quisesse trabalhar com TV, eu ia ter que dar um jeito no meu cabelo.*” Segundo Collins (2019, p. 175) “a universidade, a mídia e as agências governamentais constituem esferas importantes de reprodução dessas imagens de controle”. Interpretando o acontecido, Larissa complementa,

“esse negócio de dar um jeito no cabelo significa que eu ia ter que alisar, né? E naquela época eu tava me reconhecendo enquanto negra e eu tava parando de alisar o cabelo.”

É por aí que a gente entende por que dizem certas coisas, pensando que estão xingando a gente. Tem uma música antiga chamada “Nega do cabelo duro” que mostra direitinho por que eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beiços em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme pra clarear, esticando os cabelos, virando leidi e ficando com vergonha de ser preta. Pura besteira. Se bobear, a gente nem tem que se defender com os xingamentos que se referem diretamente ao fato de a gente ser preta. (Gonzalez, 2020, p. 70).

Larissa optou por adiar a segunda cadeira de telejornalismo. A razão? Preciso mesmo comentar? Manter-se resistente é um processo que demanda negociações e tempo? *Temos sangue-frio para apertar a mão de nossos algozes?* Esse período na vida de Larissa demarca sua transição capilar em função de seu autorreconhecimento racial. Um ou outro comentário não foi o suficiente para cessar este processo, mas, decerto, a fez fugir do telejornalismo, das telas, da visibilidade. *“Eu fugi da disciplina que nem o cão foge da cruz, porque o professor na disciplina de telejornalismo 2, ele obrigava todo mundo a gravar a matéria e a montar telejornal”*, assumiu Larissa.

Ela prossegue, *“tava um negócio feio mesmo, de transição, metade liso alisado, metade cacheado”*. Não consigo deixar de sugerir que esta consideração é coisa que branco coloca na nossa cabeça. “Dar um jeito no cabelo”, ou seja, como me sugere Larissa, *“abaixá-lo”*, revela tendências em não conceber cabelos crespos ou cacheados armados como possíveis à tela de uma TV. “Os padrões dominantes de beleza dizem que, por mais inteligente, educada ou ‘bonita’ que seja, uma mulher negra com traços ou cor da pele mais africanos devem “voltar para trás” (Collins, 2019, p. 183).

Ao fim do curso, ironicamente, Larissa chegou a estagiar na TV UNIFOR, tendo sido pessoalmente chamada em reconhecimento ao seu trabalho. A “fulana” que atentou contra seu cabelo saiu do curso. Certamente, as imagens de controle de Collins (2019), ou o intento do “lugar natural” aristotélico problematizado por Gonzalez e Hasenbalg (2022), surtiram algum efeito sobre a vida de Larissa, a afastando da “visibilidade” do telejornalismo, convencendo-a sobre o “seu devido lugar”. Noutro sentido, o sonho em ter algo seu a aproximou do estilo de redação do *Negrê*, que passou a ser sua prospecção de vida e meio pelo qual resiste.

Articulo a noção de imagens de controle (Collins, 2019) para sugerir que esta, como ferramenta que mobiliza “adequações compulsórias” sobre corpos negros, em vários casos pode ser reproduzida no seio de nossas comunidades e sistemas de representação. Imaginar que uma mulher conduziria um portal de mídia negra somente em benefício coletivo não seria a alocar nas mesmas dinâmicas de servidão ao senhor e à sua comunidade? Penso que a rentabilidade é chave ao empreendimento, ao passo que jornalismo é profissão. Sonhar em ascender, em obter recursos, em encarar um sonho individual de consequências coletivas com finalidade também ao lucro pessoal é uma empreitada e tanto. Mulheres negras podem se pensar para além do senso comunal.

Quando vejo os resultados de Larissa e do pessoal que faz o *Negrê* acontecer e circular, só penso na feliz frase dita por Angela Davis numa conferência realizada na Bahia em 2017, quando afirmou que, “*quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.*” De fato, sonhar é caro, e Larissa sabe, e até lamenta, como aqui demonstrado, mas prossegue. Na 17ª edição do Troféu Mulher Imprensa, em 2023 e 2024, com a temática “regionalidade”, Larissa Carvalho foi indicada à *premiação* por seu trabalho no *Negrê*, sendo também finalista na premiação +*Admirados Jornalistas Negros* em 2023.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora esta pesquisa produza enfoque especial na experiência jornalística do Negrê, destaco que este trabalho não se reduz ao estudo do jornalismo independente, iniciativas autônomas conduzidas por pessoas negras, nesse caso principalmente mulheres. A pesquisa transcende a análise dessas práticas profissionais, a comunicação negra aqui é tratada enquanto um campo profundamente atravessado por trajetórias de vida, subjetividades e resistências. O caráter etnográfico adotado aqui revela que, como pesquisador negro, eu não apenas observo e descrevo, mas também sou afetado e transformado por essas interações e experiências.

Ao estabelecer uma relação de parceria com as colaboradoras/es do Negrê, este trabalho constrói uma narrativa em que o afeto, a troca e a escuta mútua são centrais. Através de entrevistas e conversas informais, pude acessar os itinerários dessas negritudes que rompem com a hegemonia do Sudeste no campo da comunicação negra no Brasil e reivindicam um novo espaço no cenário midiático, essencialmente nordestino. Essa reivindicação não é apenas geográfica, mas simbólica e política, demonstrando que o jornalismo negro independente é uma expressão coletiva e potente de resistência.

Através de uma análise atenta às metodologias, práticas e dificuldades encontradas por essas iniciativas, compreendemos o jornalismo negro como um sistema de existência e resistência que se constrói cotidianamente, a partir de experiências pessoais, políticas e regionais. O Negrê, assim como outras iniciativas estudadas, representa um exemplo vivo da construção de redes e narrativas que desafiam as estruturas tradicionais e racistas da comunicação no Brasil, criando novos espaços de voz, reflexão e ação para as negritudes nordestinas.

Portanto, esta pesquisa reafirma que o jornalismo negro independente é, acima de tudo, uma prática de resistência coletiva, movida pela necessidade de autoafirmação e transformação social, contribuindo significativamente para a construção de um futuro onde as diversas negritudes do Nordeste possam ser vistas, ouvidas e respeitadas em toda a sua complexidade.

Com isso, ao término deste trabalho, lembro, particularmente, de meus parceiros neste processo, Larissa, Paulo, Dhara e Karol. Lembro do rosto de Larissa, ao tratar de seus sonhos, de sua revolta, frente a conflitos internos, de sua tristeza em viver o conflito sobre a

rentabilidade do portal e sua indisponibilidade em remunerar o pessoal que faz o Negrê. Às vezes, imagino o quão pesado é sonhar, o quão cruel é pensarmos em seguir em frente, mesmo vendo nossos objetivos mais vivos e coletivos não representarem nossa prospecção mais segura de futuro, não pagarem nossas contas ao fim do mês.

A raiva, convertida em ação, me alude à imagem de Paulo. Por muito pensei, “*está certíssimo, tem que expor mesmo, tem que reagir mesmo*”. Como pode um psicólogo e homem e negro, que um dia já foi menino, aceitar de um colega de profissão a criminalização de um menino negro por sua própria morte? Que o ódio nos tome com força! O meu estômago embrulha, e lágrimas se vão pelo meu rosto. As palavras, ou mesmo palavrões de Paulo, são justificadas. Muito ouvi de sua voz sobre as contradições acerca desse assassinato. Quando escuto de Paulo que basicamente qualificaram o menino como “*atentado*”, imagino que isso seja um sinônimo para “*vadio*”, termo que enquadrava negros “*desocupados ou desordeiros*” como criminosos, sujeitos indesejáveis no pós-abolição.³⁷ A sentença de Miguel, apenas um menino? Sua morte, os choros de sua mãe, a imagem de mais um menino negro que sai nos jornais vitimado e questionado mesmo em seu túmulo.

Quando retorno às minhas lembranças sobre Karoline, a tristeza me invade, os olhos cheios e, por vezes, decepcionados por um sonho distante e não vivido plenamente, são o que atravessam minhas recordações com mais afínco. Confesso que não é o melhor sentimento, mas é uma lição importante. Karol sempre foi uma figura fundamental ao Negrê e à Larissa. Ela é uma entre tantas mulheres negras egressas dos cursos de comunicação que não conseguem colocações em seu eixo de formação. Ela é uma, entre tantas mulheres, querendo falar sobre o mundo esportivo e que não são ouvidas. Por vezes, senti em suas falas e olhares, a vontade e o pessimismo habitando um mesmo lugar. O sentimento de querer e não poder. Karoline foi uma das pessoas que mais me ensinou, mesmo inicialmente afirmando que não tinha tanto a dizer, porque não estava mais inclusa nos circuitos de trabalho jornalístico. Fico feliz por Larissa empreender esforços para manter Karol na direção de suas vontades, de sua formação, uma verdadeira mostra da frase tão encapada por vários movimentos de mulheres negras, “*uma sobe e puxa a outra*”.

Dhara, uma das últimas pessoas com quem estabeleci contato para este trabalho, sendo apontada como uma peça importantíssima ao Negrê por Larissa, também é uma figura

³⁷ A vadiagem como um delito foi incluída no código penal do Brasil império em 1830 e também no primeiro código penal do Brasil República em 1890, foi derrubada em 1940 no código penal do governo Vargas, mas um ano depois foi adicionada novamente, como contravenção penal, sendo revogada apenas em 2023. Acesso em: <

relativamente nova no contexto do portal. Ela me disse que odeia falar de racismo, que seu negócio é o antirracismo. Vira e mexe, como estudante de uma universidade elitizada e branca como a UNIFOR, ela nunca se acostuma, sugere que sua presença nesse local é uma prova diária de sua convicção enquanto mulher negra. Ela é do mundo, ou melhor, do que ela chama como “Mundinho Black Fortal”, um circuito de relações negras que se estabelece no seio dos movimentos de comunicação e cultura negra na cidade de Fortaleza. Não muito vendida, recordo-me de sua maior questão, o *Timing*, quero dizer, o tempo que ela não está disposta a vender ao imediatismo das notícias que são “pra ontem”, que perderão a relevância se não veiculadas no calor do momento. Penso que, desobedecer ao timing, é muitas vezes, “renoticiar”, resgatar dizeres mal contados há séculos e colocá-los sob nossas narrativas, pensar o tempo para além do presente ou do urgente, e de ir encontro ao necessário espaço reflexivo que nos foi negado.

Além dessas imagens que carrego comigo como lições fundamentais, destaco que o trabalho evidencia o potencial transformador das mídias negras e independentes no Nordeste do Brasil a partir do Negrê como enfoque, junto da necessidade de abriremos espaço às trajetórias que as constituem para além dele. Essas mídias oferecem uma nova perspectiva, permitem que aquele menino que fui, que não conseguia ver outra representação de um “eu” que não as dos jornais policiais, possa se ver em contextos variados, reafirmando as comunidades negras como muito maiores do que apenas o legado prejudicial da escravidão.

Pensar na comunicação como conceito plural, é imaginar suas formas e possibilidades para além da noção defendida por uma humanidade global que muito nos excluiu no processo de progresso e modernidade, como aponte ao longo deste texto. Sugiro que essa postura advogue pela narrativa contracolonial de Santos (2023), pela “diversalidade”, pois o ato de comunicar como objeto do “humano” nega seus fluxos na natureza, omite seus caminhos espirituais como fundamentos intelectuais e reflexivos. Pensar a partir dos cosmos, em sua diversidade, é privilegiar uma apropriação necessária em favor da subversão de um jornalismo, por exemplo, refém do tempo presente. Coaduno com Dhara, quando ela conclui que precisamos colocar esse jornalismo para trabalhar para nós, sob nossos termos. Pensar os caminhos da comunicação é imaginar o trajeto do desenvolvimento que a propiciou. Não precisamos de um trajeto, precisamos de vários, de várias histórias, de vários movimentos em comunicação, distintos e resilientes entre si.

Essas mídias não apenas desempenham um papel alternativo em termos de representação racial, mas também se destacam por serem uma contraposição a outros aspectos

de identidade majoritários e predominantes nas mídias brasileiras. Por isso, penso a partir do Negrê, de uma iniciativa sonhada por duas mulheres negras cearenses. Deve ficar nítido que dado empreendimento é uma amostra, ou simplesmente, uma história entre várias outras, contada aqui a partir de alguns vestígios da trajetória desse pessoal, de parte do corpo colaborador do jornal. Constituir um espaço ao modo como se definem neste trabalho muito nos serviu para notarmos como cada uma dessas pessoas se percebeu como comunicadora, como pessoa negra, dentre outras coisas. Percursos estes, que demarcam períodos como infância e juventude, e constituem a busca por um espaço sonhado, desejado.

Digo, que minhas parceiras/os neste processo, assim como eu como consumidor, fazem parte de um cosmos que representa um movimento muito maior de mudanças no panorama midiático da nossa sociedade, bem como a inserção ainda mais forte de questões essenciais para o desenvolvimento social e rompimento com determinadas desigualdades. Isso, por óbvio, não foi um processo ocasional, foram itinerários diversos, assim como demonstrado aqui, onde, a partir da paixão, da raiva, da tristeza, da busca por um futuro, entre outros aspectos, a comunicação jornalística se fez. Se fez como vida, como forma de existir, como modo de comunicar, de coexistir.

Para finalizar, cabe tensionar uma última vez. Se nos apropriamos do jornalismo e passamos a narrar o que nos instiga, devemos também pensar no contra-adestramento a partir do potencial de nossa linguagem, do peso de nossas gírias, de nossas singulares maneiras de construir a escrita em redações que efetivamente são nossas. Queremos ser apenas alternativos, uma linha fora do eixo central? Que tal pensarmos em nossos próprios eixos? Que tal defendermos o uso progressivo das subvenções linguísticas que propiciaram o “pretuguês” entendido por Lélia Gonzalez (1984) nas redações negras. Que tal destruirmos o *timing* em suas urgências? Estas são apenas algumas provocações finais que introduzir aqui, porque proponho que não sejamos apenas uma alternativa seguindo um mesmo layout, ou disposição de pensamento e ação.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita contra a cultura**. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.
- ARAÚJO, Valmir Teixeira de. **O que é a imprensa negra?** Diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil. - 1. ed. - Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021.
- AUDEBERT, Cédrico. **Negritude e relações raciais: racismo e antirracismos no espaço atlântico**. Horizontes Antropológicos, v. 28, p. 7-37, 2022.
- BARRETO, Francisco Sá; EFREM FILHO, Roberto. **Corpos negros, torres brancas: cidade e racismo em pandemia**. Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, 54(3), 2022.
- BATISTA, Luís Eduardo; PROENÇA, Adriana; SILVA, Alexandre da. **Covid-19 e a população negra**. Interface. Comunicação, Saúde, Educação, v. 25, p. e210470, 2021.
- BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Papirus editora, 1996.
- BRITO, Bruno de Castro. **Tudo o que nóiz tem é nóiz: um estudo sobre narrativas negras do jornalismo brasileiro**. 2022. Dissertação de mestrado.
- CARVALHO, Igor. **Dez anos de Cotas**. Site Une, Junho de 2014. Disponível em: www.une.org.br/2014/06/dez-anos-de-cotas-na-universidade-o-que-mudou/. Acessado em 11 de Fev. 2025.
- CEARÁ, Sindjor. **Curso Abdias Nascimento: Comunicação E Igualdade Racial.** Sindjorce.org.br, 30 de Janeiro de. 2019. Disponível em www.sindjorce.org.br/cursoabdiasnascimento/. Acessado em 11 de Fev. 2025.
- CLIFFORD, James. **Introdução: verdades parciais**. In: Clifford, James; Marcus, George. A escrita da cultura: poética e política na etnografia. Rio de Janeiro: Editora Papéis Selvagens, 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.
- DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Livraria F. Alves, 1960.
- DOMINGUES, Petrônio. **Esta “magnânima volição”**: a Federação dos Homens de Cor. História (São Paulo), v. 37, p. e2018032, 2018.

DRAVET, Florence Marie. **Corpo, linguagem e real:** o sopro de exu bará e seu lugar na comunicação. Ilha do Desterro, v. 68, p. 15-25, 2015

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Pallas Editora, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FUSER, Bruno. **Jornalismo e cultura democrática.** Revista de Estudos de Jornalismo , Campinas, v. 3, n.01, p. 63-77, 2000.

GONZALEZ, Lélia; Hasenbalg, Carlos. **Lugar de negro.** Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. **Olhares negros:** raça e representação. São Paulo: Elefante, 2020.

HURSTON, Zora Neale. **Olualê Kossola:** as palavras do último homem negro escravizado. Rio de Janeiro: Record, 2021. 240 p.

JUNQUEIRA, Felipe. **Qual Celular Respeita Melhor Nosso Tom de Pele Em Fotos?** Canaltech, 29 de Maio de 2023. Disponível em: canaltech.com.br/produtos/qual-celular-respeita-melhor-nosso-tom-de-pele-em-fotos-250236/#google_vignette. Acessado em 11 de Fev. 2025.

KILOMBA, Grada. **A máscara.** Cadernos de Literatura em Tradução, v. 1, n. 16, p. 171-180, 2016.

KLEIN, Tatiane. **Web Indígena: Povos Indígenas No Brasil.** Socioambiental.org, 2024. Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/Web_ind%C3%ADgena. Acessado em 11 de Fev. 2025.

LACERDA, Nara. **Dos Pasquins à Internet:** Jornalismo Negro Atravessou Séculos Em Luta Contra O Racismo. Brasil de Fato, 26 Nov. 2021, www.brasildefato.com.br/2021/11/26/dos-pasquins-a-internet-jornalismo-negro-atravessou-seculos-em-luta-contra-o-racismo. Acesso em 11 Fev. 2025.

LEACH, Edmund Ronald. **Cultura e comunicação:** a lógica pela qual os símbolos estão ligados-uma introdução ao uso da análise estruturalista em antropologia social. Zahar, 1978.

LIMA, Tânia Stolze. **O campo e a escrita:** relações incertas. Revista de Antropologia da UFSCAR, v. 5, n. 2, p. 9-13, 2013.

LORDE, Audre. **Irmã outsider:** ensaios e conferências. Autêntica Editora, 2019.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Ubu Editora Ltda-ME, 2018.

NEMER, David. **Tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Editora Milfontes, 2021.

NEWS, Ceará. **Após 10 Ano, Programa Ronda Do Quarteirão Chega Ao Fim E Será Substituído Pelo Raio**. Cn7 - Sem Medo Da Notícia - Cobertura Completa de Política E Segurança No Ceará, 12 de junho de 2017. Disponível em: cn7.com.br/apos-10-anos-programa-ronda-quarteirao-chega-ao-fim-e-sera-substituido-pelo-raio. Acessado em 11 de Fev. 2025.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Patologia social do branco brasileiro**. In: Ramos, Alberto Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 171-192.

RATTS, Alex. **Lélia Gonzalez: Retratos do Brasil Negro**. Bod GmbH de, 2010.

REIS, Mariana. **Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil**. Vozes e Diálogo, v. 16, n. 01, 2017

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.

RIO DE JANEIRO, Faetec. **História da Internet**. Faetec-RJ. Disponível em: www.faetec.rj.gov.br/faetecdigital/index.php/9-a-hist-da-internet. Acessado em 11 de Fev. 2025.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e comunicação: princípios radicais**. Ed. PUC-Rio, 2008.

SAMAIN, Etienne. **As peles da fotografia: fenômeno, memória-arquivo, desejo**. Revista Visualidades (UFG), v. 10, n. 1, p. 151-164, 2012B.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. Edições Sesc SP, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou, as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. São Paulo: Editora LeBooks, 2019.

TOTA, Martinho. **A via-crúcis de Jonas no sertão da Paraíba: interseccionalidade, diferença e o Brasil atual**. Cadernos PAGU, p. e216209, 2021.

TRINDADE, Luiz Valério P. **Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil**. Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais, p. 26, 2020.

WALKER, Alice; BOYD, Valerie. **Colhendo flores sob incêndios: os diários de Alice Walker: 1965-2000**. Org. Valerie Boyd. Rosa dos Tempos, 2023. 528 p.

WESTIN, Ricardo. **Delito de “Vadiagem” é Sinal de Racismo, Dizem Especialistas**. Senado Federal, 15 Set. 2023. Disponível em: www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/09/delito-de-vadiagem-e-sinal-de-racismo-dizem-especialistas. Acessado em 11 de Fev. 2025.